

Documentos de las hijas de los Reyes Católicos: María (segunda parte)

Documents of the Catholic Monarchs' daughters: Maria (second part)

Nicolás ÁVILA SEOANE
Universidad Complutense de Madrid
niavila@ucm.es

Recibido: 15/01//2017

Aceptado: 30/01/2017

Resumen: Segunda parte de la edición de diplomas intitulados por la infanta María, hija de los Reyes Católicos, conservados en el Archivo Nacional Torre do Tombo, el Archivo General de Simancas, la Real Academia de la Historia, la Biblioteca Nacional y el Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, precedida de su análisis histórico, paleográfico y diplomático.

Palabras clave: Diplomática, Reyes Católicos, infanta María, Castilla, Portugal.

Abstract: Second part's edition of the documents issued by the infanta Maria, daughter of the Catholic Monarchs, kept in the Archivo Nacional Torre do Tombo, the Archivo General de Simancas, the Real Academia de la Historia, the Biblioteca Nacional and the Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos of Zarauz, preceded by their historical, paleographic and diplomatic analysis.

Key words: Diplomatics, Catholic Monarchs, infant Maria, Castile, Portugal.

Sumario: 4. Documentos (segunda parte). Fuentes. Bibliografía.

* * *

Se termina aquí la colección diplomática de la reina María de Portugal, cuya introducción y primeros cuarenta y cinco documentos quedaron publicados en el anterior número de la revista, añadiendo las fuentes y bibliografía del trabajo completo.

4. Documentos (segunda parte)

46

1507, mayo, 17, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar cierta tela a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Archivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 12, núm. 166.

(Folio 1) (Cruz).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey, que des e entregues (*falta*: a) Aldomça Soares, nosa camareyra, qatroze (*sic*) côvados de chamalote bramco, de preço de duzentos e dez reais côvado.

E per este, com seu conhecimento, mandamos aos comtadores que vollos levem em comta.

Feito em Abrantes aos XVII dias do mes de mayo de VC e VII anos.

La rreyna (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda a Luís de Goes, tesoureiro del rrey, que entregue à camareyra XIII côvados de chamalote [bram]c[o], de preço de IIC X reais côvado. /

(*Folio 1 vuelto*) (*Cruz*).

Eu Aldomça Soares, camareyra da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, os qatroze (*sic*) côvados de chamelote bramco comteúdos de fronte parte, de preço de duzentos e dez reais côvado.

E porque hé verde (*sic*: verdade) lhe dey este conhecimento (*tachado*: feito) e (*sic*) asinado per mym.

Feyto em Abrantes aos XVII dias do mes de mayo de VC e VII annos.

E nam aja dúvyda onde (*tachado*: de) está rrisgado.

Suárez (*rúbrica*).

47

1507, mayo, 29, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal de apuntar en la cuenta del tesorero Luis de Góis los reales que costaron diversas partidas de paño, y recibí de la camarera Aldonza Suárez.

A. Archivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 12, núm. 181.

(*Folio 1*) (*Cruz*).

Nos la rreyna mandamos a vos, los contadores del rrey mi señor, que rreçibáys y paséys en cuenta al thesorero Luys de Goes diez y ocho codos y medio de tafetán tornasol, verde y morado, ancho, valiado a quatroçientos rreales codo; y más diez codos de çetín negro, valiado a seysçientos rreales codo; y más seys codos y medio de çetín morado de carmesý, valiado a noveçientos y çinquanta (*sic*) rreales codo; y más diez codos de çetín amarillo de quinientos y çinquanta (*sic*) rreales codo; y syete codos y un[a] terçia de tafetán colorado ancho, de trezientos y ochenta rreales codo; y diez y seys codos y una ochava de tafetán morado angosto, de çiento y çinquanta (*sic*) rreales codo; y tres codos de grana rrosada, de mill rreales codo; y quatro almofrexes de paño pardo de Castilla forrados en bitre y con sus çinchas, y guarnesçidos de cuero de vaca, nuevos, que nunca sirvieron; las quales cosas todas entregó a Aldonça Suárez, nuestra camarera, para las tener en nuestra cámara para nuestro serviçio; mostrándovos primeramente conosçimiento de la dicha camarera asynado por ella y por Françisco de Hermosilla, nuestro escrivano de cámara y thesoro, en que declare cómmo lo rreçibió todo.

Fecha en Abrantes a veynte y nueve de mayo de quinientos y syete años.

La rreyna (*rúbrica*).

Que Vuestra Alteza manda a los contadores del rrey nuestro señor que pasen en cuenta al thesorero Luys de Goes çiertas cosas que entregó [a] Suárez, á agora un año, para tener en la cámara de Vuestra Alteza. /

(*Folio 1 vuelto*) Conozco yo, Aldonça Suárez, camarera de la rreyna nuestra señora, que rreçebí de vos, el thesorero Luys de Goes, todas las cosas contenidas en este mandado de Su Alteza desta otra parte escrito, segund que en él van declaradas. Y por verdad vos di este conosçimiento, escripto de mano de Françisco de Hermosilla, escrivano de la cámara de Su Alteza, y firmado por mí y por él.

Fecho en Abrantes a veynte y nueve de mayo de quinientos y syete años.

Suárez (*rúbrica*).

Hermosilla (*rúbrica*).

48

1507, junio, 9, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas telas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 7.

(*Cruz*).

(*Cruz*).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des e emtreges (*falta*: a) Aldomça Soares, nosa camareyra, vimte e huum côvados e seima de rruam alaramjado, de preço de duçemtos e sesemta reais côvado; e mais quimze côvados de rruam alaramjado, de preço de duzemtos e çinquaemta reais côvado; e vimte e huum côvados e sete oitavas de rruam amarello, de preço de duzemtos e oytemta reais côvado; e dez côvados e hum dozano de rruam amarello mais, de preço de trezemtos reais côvado; e trimta e oyto côvados e huma çarta de armentim¹ hultra fin, de preço de çatroçemtos e cimquaemta reais côvado.

E per este, e com seu conhecimemto, mandamos aos comtadores que vos levem em comta as cousas sobreditas.

Feito em Abramtes aos IX dias do mes de junho de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camareyra da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas comteúdas no sobredito mandado.

E porque hé verdade, lhe dei este conhecimento asynado per mym.

Feito em Abramtes aos IX dias do mes de junho de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

¹ *Armezim*, ‘espécie de tafetá de Bengala’ (Cândido DE FIGUEIREDO, *Novo dicionário da lingua portuguesa*, Lisboa, Clássica editora, ed. de 1913).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda ao tesoureiro del rrey que entregue à camareyra XXXVI côvados e seima de rruam (*tachado*: amarello) alaramjado, e XXXII côvados de rruam amarello, e XXXVIII^o côvados e qarta de armemtim hultra fin.

49

1507, junio, 16, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas telas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 15.

(*Cruz*).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des (*falta*: e) entregues (*falta*: a) Aldomça Soares, nosa camareyra, doze côvados de veludo avelotado cremesim, de preço de dous mill e seteçentos reais côvado; e doze côvados de çetim amarello, de preço de seiçentos reais côvado; e quimze côvados de damasco preto, de preço de quinhentos e cimqaemta reais côvado; e quatro côvados de rruam pombinho, de preço de qatrocentos e cimqaemta reais côvado.

E per este, e com seu conhecimento, mandamos aos comtadores que vos levem em comta as ditas cousas.

Feito em Abramtes a XVI dias do mes de junho de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camareyra da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas comteúdas no sobredito mandado.

E porque é verdade, lhe dey este conhecimento asynado per mym.

Aos XVII dias do mes de junho de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda ao tesoureiro del rrey que dee à camareyra XII côvados de veludo avelotado cremesin, de preço de IIM VIIC reais côvado; e XII côvados de çetin amarello, de preço de VIC [reais côvado]; e XV côvados de damasco, de preço de VC e L reais côvado; e IIII côvados de rruam pombinho, [de] preço de IIIIC L reais côvado.

50

1507, julio, 3 y 4, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas cosas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 31.

(*Folio 1*) (*Cruz*).

(*Cruz*).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des e entregues (*falta*: a) Aldomça Soares, nosa camareyra, toda huuma gornycam (*sic*: gornycam) de huas amdas de coyro vermelho de vaça, e toda a sua gornycam (*sic*: gornycam) de fero (*sic*: ferro) pimtada, com a dita gornycam (*sic*: gornycam) de vaça cuberta de veludo cremesim e fremtada de retrós² preto; e asy duas sellas de coyro vermelho com suas fundas de veludo cremesim e fremtadas de rretrós preto; e dous frêos prateados com seus meudos e com suas cabecadas (*sic*: cabeçadas) de coyro foradas de veludo cremesim e fremtadas de retrós preto, com dous pares de rédeas para os frêos; e dous pares de celhas e dous cabrestos de coyro forados de veludo cremesim com seus feros (*sic*: ferros) e cabos de cadarco (*sic*: cadarço), e sam fremtados de retrós preto; e mays oyto varas e cimço seimas de panho bramco, de preço de oytenta reais vara; e vymte e dous côvados e huma oytava de fustam³ bramco, de preço de qoremta reais côvado; e trimta e hum côvado (*sic*) e m[eio d]e bocasim, de sesemta reais côvado; e dez manos de papell fino; e qatro côvados e seyma de panho pardo, de preço de setemta reais côvado.

E per este, e com seu conhecimemto, mandamos aos comtadores que vos levem em comta as ditas cousas.

Feito em Abramtes aos III dias de julho de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda ao tesoureiro del rrey que de à camareyra toda huma gornycam (*sic*: gornycam) de huas andas, cuberta de veludo cremesim e fremtada de retrós preto, com huma gornycam (*sic*: gornycam) de fero (*sic*: ferro) prateada; VIII^o varas, V seymas de panho bramco, de preço de LXXX reais vara, e XXII côvados, I oytava de fustam, de preço de XL reais côvado; e XXXI côvado (*sic*) (*falta*: e) meio de bocasim, de LX reais côvado; e X maanos (*sic*) de papell, e III^o côvados e seyma de panho pardo, de LXX reais côvado. /

(*Folio 1 vuelto*) Eu Aldomça Soares, camareyra da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas comteúdas desta outra parte.

E porque hé verdade, lhe dey este conhecimento asynado per mym.

Feito em Abramtes aos IIII dias de julho de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

51

1507, julio, 21 y 22, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas telas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 40.

(Cruz).

(Cruz).

² *Retrós*, ‘fio de seda, ou conjunto de fios de seda, torcidos’ (diccionario citado).

³ *Fustão*, ‘pano de algodão, linho, seda ou lan, tecido em cordão’ (diccionario citado).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des (*falta: e*) entregues (*falta: a*) Aldomça Soares, nosa camareira, dez côvados e terça de çetim verde, de preço de seiçentos reais côvado; e quinze côvados de damasco emcarnado, de preço de seiçentos e cincoenta reais côvado; e dous côvados (*falta: e*) meio de cetim branco, de preço de seiçentos reais côvado; e dous côvados (*falta: e*) meio de cetim cremesim, de preço de mill e cincoenta reais côvado; e dous côvados (*falta: e*) meio de damasco bramco, de preço de seicentos reais côvado; e dous côvados (*falta: e*) meio de cetim azull, de preço de seiçentos reais côvado; e dez côvados de damasco preto, de preço de quinhentos e oytenta reais côvado; e dez côvados (*falta: e*) meio de bocasim, de preço de sesemta reais côvado.

E per este, e com seu conhecimento, mandamos aos comtadores que vos levem em despesa as ditas cousas.

Feito em Abrantes aos XXI dias do mes de julho de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camareira da rrainha nosa senhora, digo que hé verde (*sic: verdade*) que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas comteúdas no sobredito mandado.

E porque hé verdade, lhe dey este conhecimento asynado per mim.

Feito em Abrantes aos XXII dias de julho de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda ao tesoureiro del rrey que entregue à camareyra X côvados e terça (*sic: terça*) de cetim verde, XV côvados de damasco emcarnado, e II côvados (*falta: e*) meio de cetim bramco, e II côvados (*falta: e*) meio de cetim cremesim, e II côvados (*falta: e*) meio de damasco bramco, e II côvados (*falta: e*) meio de cetim azull, e X côvados de damasco preto, e X côvados (*falta: e*) meio de bocasim pardo.

52

1507, agosto, 2, Abrantes.

Misiva de la reina María de Portugal al concejo de Viana do Castelo informándole de que ha intercedido ante Manuel I para que le restituya sus privilegios.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte I, maço 6, núm. 49.

(*Cruz*).

Jueses, vereadores e omees (*sic*) boos da villa de Viana:

Nós a rrainha vos enviamos muyto saudar.

Vimos a carta que nos spremestes, pella qual nos pedíreis por mercê que falláseemos (*sic: fabláseemos*) a el rey meu senhor e lhe pedísemos que ovieese (*sic*) por bem vos tornar vosos prevylégios que vos tinha quebrantados e tirados pello caso dos navyos que hý foram queymados com o trigo, pello qual ja Sua Alteza tinha comdenados os que ho fezeram em certa soma de dinheiro.

E por (*sic: porque*) folgaremos de vos fazer mercee, fallamos (*sic: fablamos*) em voso rrequerimento a el rrey meu senhor e lhe pedymos que lhe proveiese

vos tornar os ditos vosos prevylégios. E posto que Sua Alteza estevese muyto descontente desa villa pello caso que se fez ser tam grave como foy, e dyno de muy grande castigo, pero lhe rrequeremos lhe proveere vos tornar os ditos vosos prevylegios. E estes que a nós enviastes vos levam diso despacho.

E acerca das cousas desa villa senpre folgaremos de vos fazer todo favor e procurar cómo sejaaes (*sic*) favorecidos e bem tratados e asy como seja rrezam.

Feyto em Abramtes a II dias d'agosto.

António Carneiro a fez.

1507.

La rreyna (*rúrica*).

Resposta à villa [*roto*] Viana rrequerer a Vos' Alteza.

53

1507, octubre, 5, Abrantes.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar cierta tela a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 93.

(*Cruz*).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des e entregues (*falta: a*) Aldomça Soares, nosa camareira, oyto côvados de borcado de pello rrico (*sic: rriço*) cremesin, de preço de vimte cruzados ho côvado.

E per este, e com seu conhecimento, mandamos aos comtadores que vollos levem em comta.

Feito em Abramtes aos V dias do mes de outubro de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camarey(*interlineado: ra*) da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby do tesoureiro del rrey Luís de Goes ho comteúdo no sobredito mandado.

E porque hé verdade, lhe dey este conhecimento asinado per mym.

Feito em Abramtes aos V dias do mes d'outubro de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda a Luís de Goes, tesoureiro del rrey, que dee à camareira VIIIº côvados de borcado de pello rricio cremesim, de preço de XX cruzados côvado.

54

1507, octubre, 21 y 23, Almeirim.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas telas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 103.

(Cruz).

(Cruz).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, que des e entregues (*falta:* a) Aldomça Soares, nosa camareira, oyto côvados de bocado de pello rriço bramco, de preço de dezasete cruzados côvado; e qooremta (*sic*) e sete varas de lemço framcês, de preço de çemto e dez reais vara; e qooremta e seis varas e meia de lemço framcês, de preço de noventa reais vara.

E per este, e com seu conhecimento, mandamos aos contadores que vos levem em despesa as ditas cousas.

Feito em Almeirim aos XXI dias d'outubro de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camareira da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas sobreditas.

Feito em Almeirim aos XXIII dias d'outubro de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

(*Calderón*) Que Vosa Alteza manda a Luís de Goes, tesoureiro del rrey, que entregue à camareyra VIII^o côvados de bocado bramco rriço, de preço de XVIII cruzados côvado, e XLVII varas de lemço framcês de preço de cemto X reais vara, e XLVI varas e meia de lemco (*sic:* lemço) framçês de preço de XC reais vara.

55

1507, noviembre, 5, Almeirim.

Copia de una carta de pago de la reina María de Portugal a su tesorero Ochoa de Isasaga por los gastos hechos entre 1505 y 1507.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 45v-47.

(*Folio 45 vuelto*) En Abrantes a VII días de octubre de IUDVII di cuenta de todo lo contenido en las fojas atrás escritas, desde XXI de junio de IUDV, que montó el descargo que di XIII^o quentos CCCC^o LXVU DCCCC e V maravedís, y el finequito que me dio la rreyna nuestra señora es este que se sigue:

Doña María, por la gracia de Dios rreyna de Portugal e de los Algarbes, de aquende y de allende la mar en África, señora de Guinea e de la conquista e navegacion e comercio de Etiopía e de Aravia y Persia e de la Yndia, ynfante de Castilla e de Aragón e de Seçilia e de Granada e etçétera, fazemos saber a todos quantos esta nuestra carta de pago e finiquito vieren, que nos mandamos a Lope de Valdevieso, nuestro mayordomo mayor, e a Fernand Arias, contador de nuestra Casa e tierras, que tomasen cuenta al comendador Ochoa de Ysasaga, nuestro thesorero, de todos los maravedís que avía rreçebido, en qualquier manera, desde veynte de junio del año de quinientos e çinco, que le fue tomada otra cuenta, fasta siete de octubre deste año de quinientos e siete, los cuales dichos Lope de Valdevieso e Fernand d'Arias tomaron la dicha cuenta al dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, e después de averiguada nos fizieron rrelacion que por cuenta çierta e verdadera fallaron que de las rrentas que nos agora tenemos, que las cobra para nos Antonio Salvago, fidalgo e contino de nuestra Casa, avía

rreçebido el dicho tesorero catorze cuentos e seysçientas e noventa e tres mill e trezientos e veynte maravedís desde el dicho día veynte de junio de quinientos y çinco fasta el dicho día siete de otubre de quinientos e siete, en esta manera:

(*Calderón*) Primeramente que se le faze cargo al dicho nuestro tesorero de un cuento e trezientos e çinquenta e nueve mill e ochoçientos e veynte e seys maravedís e quatro cornados quel dicho nuestro contador le fizo de alcance en la otra cuenta pasada.

(*Calderón*) Yten que rreçibió más el dicho Ochoa de Ysasaga el año pasado de quinientos e çinco, çinco cuentos e dozientas mill maravedís del dicho Antonio Salvago.

(*Calderón*) Yten que rreçibió más el dicho nuestro thesorero el dicho año pasado de quinientos e çinco, del medio cuento que nos teníamos en la Casa de la Mina, trezientas e treynta e tres mill e trezientos e treynta y tres maravedís y dos cornados.

(*Calderón*) Yten rreçibió más el dicho nuestro tesorero el año pasado de quinientos y seys, del dicho Antonio Salvago, seys cuentos e quatroçientas e sesenta mill maravedís. /

(*Folio 46*) (*Calderón*) Yten que rreçibió más el dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, del dicho Antonio Salvago, un cuento e trezientas e quarenta mill e çiento e sesenta maravedís, fasta siete días de otubre, de la fecha desta nuestra carta, deste año de quinientos e siete, para en cuenta de los maravedís de nuestras rrentas que nos avemos de aver de este año de quinientos e siete, de manera que fallavan e fallaron por verdad quel dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, avía rreçebido desde el dicho día veynte de junio del dicho año pasado de quinientos e çinco, que le fue tomada otra cuenta, fasta siete días del mes de otubre deste presente año de la fecha desta nuestra carta, en la manera que dicha es, catorze cuentos e seysçientas e noventa y tres mill e trezientos e veynte maravedís, e que ellos le avían tomado cuenta de todos los dichos maravedís que así rreçibió siendo presente Lorenç'Álvarez, nuestro escrivano de cuentas. Y quel dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, avía dado muy buena cuenta, clara e verdadera de los dichos catorze cuentos e seysçientas e noventa y tres mill e trezientos e veynte maravedís quel asý avía rreçebido, de que ellos quedaron contentos para conplir con sus cargos, lo que devían y heran obligados a nuestro serviçio.

Y que fallavan y fallaron que montava e montó el descargo que dio el dicho Ochoa de Ysasaga en la manera que dicha es, catorze cuentos e quatroçientas e sesenta e çinco mill e nueveçientos e treze maravedís e quatro cornados, segund más largamente paresçe por las çédulas e nóminas firmadas de nuestro nonbre, e conoçimientos de las partes e fees de los escrivanos de su ofiçio, quel dicho Fernand Arias nos dixo que avía rreçebido del dicho Ochoa de Ysasaga, e las tenía en su poder para rrasgar nuestras firmas que en ellas están, de manera que fallavan por verdad quel dicho Ochoa de Ysasaga nos devía para el conplimiento de los dichos catorze cuentos e seysçientas e noventa y tres mill e trezientos e veynte maravedís, que avía rreçebido dozientas e veynte (*falta: e*) siete mill / (*folio 46 vuelto*) e quatroçientos e seys maravedís e dos cornados e non más.

De los quales dichos duzientos e veynte y siete mill e quatroçientos e seys maravedís e dos cornados nos le mandamos fazer nuevo cargo dellos para

començar a gastar desde siete de octubre deste dicho año, los quales le fueron cargados por rresçibo segund paresçió por la çertificaçión que dello nos fizo Duarte Rodríguez, que agora tiene cargo de servir de nuestro escrivano de cámara e tesoro, e que le devíamos mandar dar nuestra carta de pago e de finequito de los dichos catorze cuentos e seysçientas e noventa e tres mill e trezientos e veynte maravedís que así rresçibió e gastó e destribuyó, segund dicho es.

E nos tovímoslo por bien e mandámosle dar esta nuestra carta de pago e de finequito, por la qual damos por libre e quito al dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, e a sus bienes e herederos e suçesores, para agora e para sienpre jamás, de los dichos catorze cuentos e seysçientas e noventa y tres mill e trezientos e veynte maravedís que así rresçibió e gastó por nuestro mandado.

E mandamos a nuestro mayordomo mayor e contador e a otros qualesquier ofiçiales de nuestra Casa e de fuera della, así a los que agora son commo a los que fueren de aquí adelante, que non pidan ni demanden más al dicho Ochoa de Ysasaga, nuestro tesorero, ni a sus herederos ni suçesores, los dichos catorze cuentos e seysçientas e noventa e tres mill e trezientos y veynte maravedís quél así rresçibió e gastó, segund dicho es, nin otra cuenta nin rrazón dellos nin de parte dellos, en tiempo alguno nin por alguna manera que sea.

E por esta dicha nuestra carta mandamos e rrequerimos a todas e qualesquier justiçias, así deste nuestro rreyno de Portugal commo de los rreynos e señoríos de Castilla, que sobresta rrazón no proçedan en alguna manera contra el dicho Ochoa de Ysasaga nin contra los dichos sus bienes nin herederos nin suçesores, en ningund tiempo que sea, por sí mismas ni a pedimiento de persona ni per- / (*folio 47*) sonas algunas, por quanto él queda libre e quito e descargado de los dichos catorze cuentos e seysçientos e noventa y tres mill e trezientos e veynte maravedís que él así rresçibió, por aver dado la dicha cuenta buena e verdadera segund dicho es, e entregado las dichas çédulas e nóminas e las otras escrituras de su descargo al dicho Fernand d'Arias, nuestro contador, a contentamiento dél e del dicho nuestro mayordomo mayor que así se la tomaron conforme a la ordenança de nuestra Casa.

Y en firmeza de lo qual le mandamos dar esta nuestra carta firmada de nuestro nonbre e sellada con nuestro sello.

Dada en los palaçios de Almerim a çinco días del mes de novienbre año del naçimiento de Nuestro Señor Jhesuchristo de mill e quinientos y siete años.

Lorenço Álvarez la fizo, escrivano de cuentas de Su Alteza.

La rreyna.

Antonio Carnero. Lope de Valdevielso.

56

[1507]⁴, *noviembre, 7, Almeirim.*

⁴ Las misivas del volumen A-12 de la colección Salazar siguen más o menos un orden cronológico, por eso el catálogo de la Real Academia de la Historia propone que ésta se expidió en diciembre de 1507, al precederla una de Manuel I a Fernando el Católico del 1 de diciembre y seguirla otra de Juan de Conchillos a Miguel Pérez de Almazán del 28. Pero quizá fue colocada mal, pues cuesta aceptar diciembre si el texto dice *novyembre*.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico avisándole de que le envía a su criado Lorenzo Álvarez.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-12, ff. 189-190v.

(Folio 189) (Cruz) Muyto alto e muyto poderoso señor:

Eu enbýo a Lorenco (*sic*: Lorenço) Álvares, meu cryado, a vysytar a Vosa Alteza para que con él me faca (*sic*: faça) saber de la dyspusycyón e también para que me traca (*sic*: traça) novas de vysta de que [roto] muyto desejo saber, y ansý en qué eu podré servyr a Vosa Alteza. Pues Noso Señor me fes tamaña merced en tracele en esos reynos, placa (*sic*: plaça) a él que seja por muytos años.

E porque éste dará entera conta de mý e de meus fyllos, no la doy eu aquí máys de suplycar que Vosa Alteza sempre sea e[roto]my.

La muyto real persona de Vosa Alteza guarde e acrecyente Noso Señor como eu desejo.

De Almerýn, syete de novyembre.

La rreyna (*rúbrica*). //

(Folio 190 vuelto)⁵ (Restos del sello de placa).

(Cruz) [Ao m]uyto alto e muy[to] poderoso señor el rey meu señor.

57

1507, noviembre, 15, Almeirim.

Copia de un mandato de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga para que entregue al capellán Juan Bravo los bienes que quedaron por muerte de Íñigo de Pinal y su mujer.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 95v.

(Folio 95 vuelto) Nos la rreyna mandamos a vos, el comendador Ochoa de Ysasaga, nuestro thesorero, que deys cuenta a mosén Juan Bravo, nuestro capellán e limosnero, de todos los bienes y cosas que rreçibistes de Ýñigo de Pinal, nuestro sastre, e de su muger, ya defuntos, commo su testamentario. Y todo lo que tovierdes suyo dellos, deys y entreguéys al dicho limosnero para que él lo tenga todo en guarda y cunpla el testamento de los dichos defuntos.

E tomad su conoçimiento de lo que le dierdes, para vuestro descargo.

Y con esta nuestra carta e con su conoçimiento, mandamos a qualesquier personas que (*tachado*: vos) (*interlineado*: no) vos pidan nin demanden cuenta ni rrazón alguna de los dichos bienes.

Fecha en Almerín a XV de novienbre de IUDVII años.

Yo la rreyna.

(Calderón) El conoçimiento de mosén Bravo está en las espaldas de la dicha cédula original, la qual está en los legajos de los conoçimientos.

⁵ Los folios 189 vuelto y 190 están en blanco.

58

1507, noviembre, 17, Almeirim.

Mandato de la reina María de Portugal al tesorero Luis de Góis de entregar ciertas telas a la camarera Aldonza Suárez, y recibí de ésta.

A. *Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 13, núm. 118.*

(Cruz).

(Cruz).

Nós a rrainha mandamos a vós, Luís de Goes, tesoureiro del rrey meu senhor, (*falta: que des*) e entregues (*falta: a*) Aldomça Soares, nosa camareira, nove côvados de rruam pombinho, de preço de quatroçentos reais côvado; e nove côvados de rruam cor de rruam, de preço de trezentos e noventa reais côvado; e dous côvados (*falta: e*) meio de panho preto veneziano, de preço de mill reais côvado.

E per este, e com seu conhecimento, mandamos aos comtadores que vos levem em despesa as ditas cousas.

Feito em Almeirim aos XVII dias de novembro de VC e VII annos.

La rreyna (*rúbrica*).

Eu Aldomça Soares, camareira da rrainha nosa senhora, digo que hé verdade que rreçeby de Luís de Goes, tesoureiro del rrey, as cousas comteúdas no sobredito mandado.

E porque hé verdade, lhe dey este conhecimento asinado per mim.

Feito em Almeirim aos XVIIIº dias de novembro de VC e VII annos.

Suárez (*rúbrica*).

(*Calderón*) A Luís de Goes, que entregue à camareyra IX côvados de rruam pombinho de preço de IIIIC reais côvado, e IX côvados de rruam cor de rruam de preço de IIC XC reais côvado, e II côvados (*falta: e*) meio de panho preto veneziano de preço de IM reais côvado.

59

[1507]⁶, noviembre, 19, Almeirim.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico recomendándole a su tesorero Ochoa de Isasaga.

A. *Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-12, ff. 181-181v.*

(*Folio 181*) (*Cruz*) Muyto alto e muyto poderoso señor:

El tesorero me tem bem servydo. Façalo saber a Vosa Alteza seu [*borrado*]. Toda mercee que le ecyere merece muyto bem. Lo que le [*borrado*] yo a suplycar de Lope de Valdyvyeso [*borrado*] merced que se aga algo por él.

La muyto real persona de Vosa Alteza guarde Noso Señor como eu desejo.

De Almerýn a XIX de nobyenbre.

⁶ Año propuesto por el catálogo de la colección Salazar en función del orden cronológico del volumen A-12.

Umyl servydora de Vosa Alteza que sus reales maos besa.
La rreyna (*rúbrica*). /
(*Folio 181 vuelto*) (*Sello de placa*).
(*Cruz*) A muyto alto e muyto poderoso señor el (*falta: rey*) meu señor.

60

[1507]⁷, noviembre, 19, Almeirim.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico avisándole de la visita de su tesorero Ochoa de Isasaga y recomendándole a Elvira de Mendoza.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-12, ff. 182-182v.

(*Folio 182*) (*Cruz*)⁸ Muyto alto e muyto poderoso señor:

Meu tesorero me pydyó lycencya para yrse a casar a súa tera (*sic: terra*)⁹. Eu folgué de se la dar porque á de ver a Vosa Alteza. Le dará novas de mý, [de] meus fyllos, de mynha casa máys enteramente que otro. Y ansý mysmo me tracerá novas de Vosa Alteza como eu as desejo saber. E ansý mysmo le falé algunas cosas [que] falase a Vosa Alteza. Suplyco le dé fe a ello.

(*Tachado: Especylal*) Especyalmente suplyco a Vosa Alteza se lembre de lo que nos escryvyó de Nápules al rey meu señor e a mý sobre el negocyo de doña Elvyra de Mendoca (*sic*) e su fyllo porque desto toca a mý máys que otra cosa. Le suplyco sea la sastyfa- / (*folio 182 vuelto*) cyón como eu la espero de Vosa Alteza. El tesorero dará conta a Vosa Alteza cuánta racón (*sic*) ay para ysto e cuánta merced a mý me fará en a merced que fycyere a doña Elvyra y a seu fyllo [*borrado*]sy o leva muyto encargado del rey meu señor.

La muyto real persona e estado de Vosa Alteza guarde e acrecyente Noso Señor como eu desejo.

De Almerýn a XIX de novyembre.

Umyl servydora de Vosa Alteza que sus reales maos besa.

La rreyna (*rúbrica*). /

(*Folio 183*) (*Sello de placa*).

(*Cruz*) A muyto alto e m[uy]to poderoso señ[or] el rey meu s[eñor].

61

1507, diciembre, 3, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre la petición de Elvira de Mendoza.

⁷ Año conjeturado, como en la nota anterior.

⁸ El vuelto del folio lleva otra cruz en el centro del margen superior.

⁹ Él era guipuzcoano y se casó con María Ruiz de Miranda, natural de Ordicia, en la misma provincia (Ernesto GARCÍA FERNÁNDEZ, “Hombres y mujeres de negocios del País Vasco en la Baja Edad Media”, en Juan Antonio BONACHÍA HERNANDO y David CARVAJAL DE LA VEGA (eds.), *Los negocios del hombre. Comercio y rentas en Castilla. Siglos XV y XVI*, Valladolid, Castilla Ediciones, 2012, p. 136).

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 94-94v.

(Folio 94) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar.

Ya sabéys cómo vos llevastes a cargo de negociar una carta esecutoria para la cobrança de los nuestros dineros de Sevilla. En todo caso, trabajad cómo se aya, de aquella misma manera que vos lo llevastes a cargo. Y porque después que vos partistes vino Remón de hazer las diligencias que los contadores le pidieron, le enbiamos allá para que dé cuenta de lo que hizo y del mal rrecabdo que allá halló, al rrey mi señor, como testigo de vista, para que Su Alteza lo mande rremediar. Y así bien a los dichos contadores si viéredes que es menester. Y porque él dize que valían, Salvago le dixo que bastaría que el rrey mi señor nos diese un alcalde secutor (*sic*: esecutor) para que entendiese en este negocio destos dichos dineros, y éste, que / (*folio 94 vuelto*) fuese el asistente o otro qualquier juez que Su Alteza mandase. Ablad vos con el dicho Remón y, visto lo que dize, si esto deste juez y la dicha carta secutoria (*sic*: esecutoria) que como dicho es vos llevastes a cargo, no fuere todo una casa (*sic*: cosa), procurad todo el día la dicha carta, y sy es toda una cosa, escojed la manera, y la que viéredes que á de provechar más para el negocio, y por aquella procurad el despacho. Y asý bien le ayudaréys a negociar una carta de Su Alteza para que se nos entregue (*sic*: entreguen) unos dineros que dexó enbargados en un cambio en Sevilla, según que más largamente él os ynformará dello.

Fecha en Almerín a tres de dizienbre de DVII.

La rreyna.

62

1507, diciembre, 14, Almeirim.

Mandato de la reina María de Portugal de apuntar en la cuenta del tesorero Luis de Góis 103.512 reales y cuarto¹⁰ que costaron diversas compras, y recibí de la camarera Aldonza Suárez.

A. Archivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte I, maço 6, núm. 70.

(Folio 1) (Cruz).

Nos la rreyna mandamos a vos los contadores del rrey mi señor que rreçibáys y paséys en cuenta al thesorero Luys de Goyos todas las cosas que de yuso en esta nuestra nómina serán declaradas, que él dio y entregó por nuestro mandado a Aldonça Suárez, nuestra camarera, para nuestro serviçio, en esta guisa:

(*Calderón*) Primeramente çinco codos y una ochava de villudo villurado morado, valiado a mill y dozientos rreales codo.

(*Calderón*) Más doze codos y tres dozanos y medio de damasco morado, valiado a quinientos rreales codo. (*Al margen derecho*: VIM CL^{ta}).

¹⁰ Es el total que dieron luego los contadores reales y que no cuadra con la suma de cantidades del margen.

(*Calderón*) Más dos codos y çinco seysmas de çetín amarillo, valiado a seysçientos rreales codo. (*Al margen derecho*: VIM C XC 5/6 [*sic*¹¹]).

(*Calderón*) Más dos codos y çinco seysmas de çetín leonado, valiado a seysçientos rreales codo. (*Al margen derecho*: IM VIIC).

(*Calderón*) Más dos codos y çinco seysmas de çetín encarnado, de preçio de seteçientos rreales codo. (*Al margen derecho*: IM VIIC [*sic*¹²]).

(*Calderón*) Más çinco codos y çinco seysmas de çetín morado, valiado a seysçientos rreales codo. (*Al margen derecho*: IM IXC LXXXIII rreales 1/3 [*sic*¹³]).

(*Calderón*) Más tres codos de çetín azul, valiado a seysçientos rreales el codo. (*Al margen derecho*: IIIM VC [*sic*¹⁴]).

(*Calderón*) Más quatro codos de damasco encarnado, valiado a seysçientos y çinqüenta rreales codo. (*Al margen derecho*: IM VIIC [*sic*¹⁵]).

(*Calderón*) Más un codo y dos terçias de brocado blanco de pelo ancho rrico, valiado a diez y syete cruzados¹⁶ el codo. (*Al margen derecho*: IIM VC [*sic*¹⁷]).

(*Calderón*) Más diez y seys codos de grana colorada venesçiana fina, valiada a dos mill y dozientos rreales el codo. (*Al martén derecho*: XIM L^{ta} [*sic*¹⁸]).

(*Calderón*) Más seys codos y tres quartas de paño blanco de Londres, valiado a ochoçientos y çinqüenta rreales el codo. (*Al margen derecho*: XXXVM IIC [*sic*¹⁹]).

(*Calderón*) Más tres codos y seys dozeavos y medio de paño blanco que no se conosçió de qué suerte era valiado; trezientos y çinqüenta rreales el codo (*Al margen derecho*: VIM VIIC XXXVII rreales [*falta: e*] medio [*sic*²⁰]. IM IIC XXXIX 7/12). /

(*Folio 1 vuelto*) (*Calderón*) Más çinco codos y medio de paño negro fino venesçiano, valiado a mill y trezientos rreales el codo. (*Al margen derecho*: VIIM CL^{ta}).

(*Calderón*) Más tres pieças de olanda: (*calderón*) una de veynte y seys varas y media, de dozientos y treynta rreales vara; y otra de veynte y nueve varas y una quarta, de çiento y çinqüenta rreales vara; y otra de veynte y seys varas y dos terçias, de çiento y diez rreales vara. (*Al margen derecho*: VIM XCV [*sic*²¹]).

(*Calderón*) Más veynte y ocho varas de lienço de Flandes, valiado a noventa rreales la vara. (*Al margen derecho*: IIIIM LXXXVII rreales [*sic*²²]).

¹¹ Son 1700 reales.

¹² Son 1983 reales.

¹³ Son 3500 reales.

¹⁴ Son 1800 reales.

¹⁵ Son 2600 reales.

¹⁶ Nombre dado a los excelentes con la granada en el escudo porque llevaban una cruz en el anverso. Equivale a 11 reales y 1 maravedí (es decir, 375 maravedís).

¹⁷ Son 311 reales.

¹⁸ Son 19.200 reales.

¹⁹ Son 5737 reales y medio.

²⁰ Da el precio correcto a continuación.

²¹ Esa cantidad es sólo de la primera partida. El total da 13.415 reales.

²² Son 2520 reales.

(*Calderón*) Más veynte y ocho codos y dos terçias de bocáraves de colores, valiado a sesenta rreales el codo. (*Al margen derecho*: IIM IXC XXXIII rreales 1/3 [*sic*²³]).

(*Calderón*) Más hierros, de hierro, estanados, para dos cabestros del diestro, de los cavallos de nuestras andas, y dos cabos de cadaço, de colores, para los dichos cabestros. (*Al margen derecho*: IIM VC XX, IM VIIC XX rreales).

Las quales dichas cosas, todas segud que de suso van nonbradas, vos mandamos que le rreçibáys y paséys en cuenta por esta nuestra nómina y conosçimiento de la dicha camarera, en que declare cómo ella las rreçibió todas para tener en nuestra cámara para nuestro serviçio.

Fecha en Almerín a catorze de dizienbre de quinientos y syete años.

La rreyna (*rúbrica*). /

(*Folio 2*) Conozco yo Aldonça Suárez, camarera de la rreyna nuestra senora, que rreçebí del thesorero Luys de Goes todas las cosas contenidas y declaradas en'sta nómina de Su Alteza segud que en ella van escritas, y por verdad le di este conosçimiento, escrito de mano de Françisco de Hermostilla, escrivano de la cámara y thesoro de Su Alteza, y asynado por mí y por él.

Fecho en Almerín a XIII^o de dizienbre de DVII años.

Suárez (*rúbrica*).

Francisco de Hermostilla (*rúbrica*).

63

1508, enero, 19, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre ciertos asuntos particulares.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 93-93v.

(*Folio 93*) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar con un moço d'espuelas del rrey mi señor.

Reçibimos una carta vuestra y tenémosvos en serviçio las buenas nuevas que en ella nos days de la salud del rrey mi señor padre, porque aquellas heran las que nos más deseávamos saber. Plega a Nuestro Señor que muchos años nos las dexé oír tales y nos guarde a Su Alteza commo deseamos. Y vos, mientras que ay estuvierdes, sienpre nos escrevid de la dispusiçión de Su Alteza, que éste es el mayor serviçio que nos podéys hazer.

Daysnos esperança que nuestros negoçios han de ser bien despachados. Con tal confiança os los encargamos a vos, y asý os encomendamos que tengáys dellos el cuydado que es menester, como de vos lo esperamos.

Y porque de un negoçio de dona (*sic*) Elvira de Mendoça, nuestra camarera mayor, que llevastes a cargo, no nos escrivistes lo que se ha fecho por serviçio nuestro, que trabajéys mucho por despachalle bien, y lo que en él se fiziere nos lo escriváys.

²³ Son 1719 reales y dos tercios.

Y asý bien nos hazé saber de los negoçios de la prinçesa mi hermana porque deseamos mucho saber en qué están.

Nos escrevimos al rrey mi señor haziendo saber a Su Alteza cómo un hijo de Pedro del Alcáçar, que se llama Juan d'Alcáçar, estorvó de cobrar en Sevilla a Valian Salvago çiertos dineros que Remón allá dexó enbargados en un cambio, diziendo quel poder nuestro que el dicho Valian mostrava para los cobrar no hera bastante por no ser abtorizado por el rrey mi señor. Y porque en tal persona commo nos, ni aquello se ha de entender ni él ni nadie se ha de atrever a dezirlo asý, suplicamos a Su Alteza le mande castigar de manera que sea castigo a él y escar- / (*folio 93 vuelto*) miento para otros. Dad vos la carta a Su Alteza y suplicádgelo de nuestra parte y tened manera que no lo sepan los contadores mayores ni el liçenciado Çapata porque nos creemos que le han de ayudar, y que con su favor tiene él tales atrevimientos.

De los palaçios de Almerín a XIX de henero de DVIIIº.

La rreyna.

64

1508, febrero, 12, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre el cobro de ciertos dineros y el envío de unos libros.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 93v.

(*Folio 93 vuelto*) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar.

Días ha que nos han dicho que es partido de allá Lorenço Álvarez, y fasta oy no es venido acá. Y porque se pierde tienpo para la cobrança de los dineros de Sevilla, fuera menester aquel despacho que vos llevastes cargo de negoçiar. Y después os tornamos a escrevir con Remón. Si con el dicho Lorenç'Alvarez nos escrevistes algo sobre ello, pues él no viene, bien será que nos lo tornéys a escrevir con algún moço desos que despacha Juana Méndez, y asý bien nos escrevid lo que está fecho en todo lo ál que llevastes a cargo.

Buscadnos allá un libro que se llama "Suma angelica" y es en latín, de quarto de pliego, y otro que se llama "Especulo conçiencie", en romançe, y otro que se llama "Rebelaçiones de Santa Brígida", en rromançe o, si no se allare, sea en latín. Y conpradlos y enbiádnoslos lo más presto que ser pudiere.

Fecha en Almerín a XII de hebrero de DVIIIº.

La rreyna.

65

1508, febrero, 28, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre el cobro de unos dineros y una petición de Elvira de Mendoza.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 93v.

(*Folio 93 vuelto*) Comendador Ochoa de Yssassaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar.

Reçibimos vuestra carta con Remón y los despachos para lo de Sevilla, y vinieron muy bien commo nos de vos lo esperávamos y con tal confiança os lo mandamos.

Con todas las otras cosas que nos escrevistes ovimos plazer. Sienpre mientras ay estuvierdes, tened cuydado de nos escrevir todas las cosas que allá pasaren.

Vimos lo que nos escrevíis a nos y a doña Elvira de Mendoça, nuestra camarera mayor, del negoçio de don Juan de Alarcón, su hijo, que por nuestro mandado llevastes a cargo de negoçiar con el rrey mi señor. Y porque ya sabéys cuántas rrazones ay para que nos deseemos que sus cosas se hagan bien, escrevimos al secretario Almacán sobre ello. Dadle vos nuestra carta y encargádselo mucho de nuestra parte. Y vos trabajad con Su Alteza quanto pudierdes, que se despache commo ella lo pide. Y, brevemente y cómmo fue despachado, enbiadnos el despacho, y si antes alguno viniere, escrevidnos lo que en ello estuviere fecho, que mucho nos serviréys en todo lo que en esto trabajárades.

De Almerín a veynte y ocho de febrero de quinientos y ocho años.

La rreyna.

66

1508, marzo, 5, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre la confirmación de un privilegio y la petición de Elvira de Mendoza.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 94.

(*Folio 94*) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar.

Después que os escrevimos con Narbáez, criado de doña Elvira de Mendoça, nuestra camarera mayor, cómmo avíamos rreçibdo (*sic*) vuestra carta con Remón y los otros despachos que con él nos enbiastes, nos dixo el dicho Remón que sería menester que enbiásemos allá nuestro previllejo para que se confirmase del rrey mi señor, porque avía sabido allá que agora confirmava Su Alteza todos los previllejos. Acordamos de escrevíroslo para que sepáys cómmo es y nos escriváys lo que devemos hazer en ello, que si se pudiese confirmar sin que le oviésemos de enbiar, mucho folgaríamos porque nos pareçe que es peligro enbiar tal escritura tan largo camino.

De Almerín a çinco de março de DVIIIº anos (*sic*).

Asý bien os enbiamos una carta nuestra para el rrey mi señor padre, y va en el emboltorio de la dicha doña Elvira en que suplicamos a Su Alteza por el despacho dese negoçio de don Juan de Alarcón. Dádgela vos y trabajad en ello todo quanto pudierdes porque cada día esperamos por él. El rrey mi señor y nos y (*sic*) holgaríamos más con velle bien despachado que si fuese cosa nuestra propia.

Esto os encomiendo que tengáys mucho cuydado, de manera que traygáys muy buen despacho.

La rreyna.

67

1508, marzo, 25, Almeirim.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre la petición de Elvira de Mendoza.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 94.

(Folio 94) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna vos enbiamos a saludar.

Con un moço de los que despacha Juana Méndez rreçibimos una carta vuestra y el despacho que enbiastes dese negoçio de don Juan de Alarcón. Y porque nos tornamos agora a escrevir al rrey mi señor sobre él y escrevimos a Almacán encargándole que trabaje con Su Alteza quanto pudiere por que lo despache commo nos en nuestra carta ge lo suplicamos; por serviçio nuestro, que vos trabajéys en ello todo quanto pudierdes, asý en suplicallo a Su Alteza como en dar priesa al dicho Almacán, y acordárgelo todas las vezes que viéredes que es tiempo. Y porque nos hablamos con Alonso Cabeças y él os dirá de la manera que nos lo enbiamos a suplicar a Su Alteza, no es menester dezillo aquí.

Fecha en los palacios de Almería XXV de março de DVIIIº.

La rreyna.

68

[1508]²⁴, julio, 20, Sintra.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico informándole de haberse restablecido de unas fiebres y comentando las noticias del Imperio y de Italia.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-12, ff. 245-246v.

(Folio 245) (Cruz)²⁵ Muyto alto e muyto poderoso señor:

[Bes]o as maos a Vosa Alteza por mandarme vysytar por súa carta, que esto [me] dyo entera saúd.

Ja, señor, estoy bem. Alabado Dyos, me an dexado las febres, que quedo muyto flaca.

É avydo, señor, tamaño placer de saber la buena [dy]spusyción de Vosa Alteza que para [es]tar de todo bem non me era necesar[ry]o otra cosa syno ysto, porque en nyn[gu]na cosa eu recybo mayor mer[ced] (*falta*: que) en lembrarse Vosa Alteza de mý. [Po]r yso bejo súas reales maos.

²⁴ De nuevo tomo el año del catálogo de la colección Salazar, pues no figura en el texto.

²⁵ Hay otra cruz en el centro del margen superior del folio 245 vuelto.

Que seja [m]uytas beces folgado, señor, muyto, [con] las novas del Rey de Romanos. Fýo en Noso Señor que tudo seja para [má]ys acrecentamyento e descan- / (*folio 245 vuelto*) so de Vosa Alteza.

Tambem supe la m[er]ced que fyco (*sic*) al Gran Capytán. El rey meu señor (*falta: e*) eu avemos folgado muyto p[or]que le tenemos por verdadero servyd[or] de Vosa Alteza e sus servycyos son [dy]nos de toda merced que se le faca (*sic*).

O p[rýn]cepe e sus ermanos están boos.

Be[so] as maos a Vosa Alteza cuya vyda e [re]al estado guarde y acrecyente Noso S[eñor] como eu deseo.

De Syntra a vente de [julyo].

Umyl servydora [de] Vosa Alteza que sus [rea]les maos besa.

La rreyn[a] (*rúbrica*). //

(*Folio 246 vuelto*)²⁶ (*Restos del sello de placa*).

(*Cruz*) Ao muyto alto e m[uyto] poderoso señ[or] el rey meu s[eñor].

69

[1508]²⁷, octubre, 26.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico sobre el peñón de Vélez de la Gomera y la concesión del hábito de Santiago a Juan de Alarcón.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-10, núm. 24.

(*Folio 1*) (*Cruz*)²⁸ Muyto alto e muyto poderoso señor:

Recebý la carta que el tesorero me trajo con las novas que él me dyo de la dyspusycyón de Vosa Alteza. Ube muyto gran placer.

Beso as maos de Vosa Alteza por todo lo que me escryve e me mandó decyr por Ochoa en reposta de lo de Veles; por que Vosa Alteza fose avysado antes que fose Crystóbam Corea (*sic: Correa*) lo mandé, y asý le suplyco en todo quyera acer como me dyce, que tudo es para servycyo de Vosa Alteza. Esto es lo certo, que eu conosco eu (*sic*) el rey meu señor, que él (*falta: e*) eu non tenemos máys bem que a Vosa Alteza. Y ansý espero en Noso Señor que será acá cyerto acontentamento de Vosa Alteza e del rey meu señor, poys o fym es todo uno en ysto. Falé máys largo a Ochoa, non dygo aquí máys. /

²⁶ El folio 246 está en blanco.

²⁷ Además del orden cronológico del volumen A-10 de la colección Salazar, abonan el año los acontecimientos aludidos en la propia misiva. El 23 de julio de 1508 Pedro Navarro tomó el peñón de Vélez de la Gomera por orden de Fernando el Católico. Manuel I alegó que, siendo del reino de Fez, su conquista pertenecía a Portugal, y envió a Castilla a Ochoa de Isasaga para que lo reclamara. Fernando respondió que lo había ocupado para evitar incursiones piratas a las costas de Granada y por la dejadez de Portugal en su defensa. Aprovechando esta disputa, el rey de Fez sitió la plaza portuguesa de Arzila, que consiguió resistir gracias a la ayuda de Pedro Navarro, lo cual favoreció el establecimiento de negociaciones con Castilla, que por parte de Manuel I fueron encargadas a Cristóbal Correa (Jerónimo ZURITA Y CASTRO, *Historia del rey don Fernando el Cathólico. De las empresas y ligas de Italia*, vol. II, Zaragoza, Domingo de Portonariis y Ursino, 1580, libro VIII, capítulos XXIII y XXIV).

²⁸ Los folios 1 vuelto y 2 también llevan una cruz en el centro del margen superior.

(*Folio 1 vuelto*) Con las novas que Vosa Alteza me da de la señora reyna soy muyto alegre. Quyera Noso Señor guardarla (*falta: e*) alumbrala con bem asý como Vosa Alteza desea. Muyto travaille Vosa Alteza por que se guarde e no ande muyto se non fore en andas que, guardándose en lo prymero, le dará (*tachado: nos*) dýas muytos.

Vy el despacho que Vosa Alteza me mandó de don Juan de Alarcón. Bejo as maos a Vosa Alteza por mandarle dar o ábyto aunque (*sic*) eu non se le consentý tomar agora asta lemnbrar (*sic*) a Vosa Alteza cuántas veces el rey meu señor (*falta: e*) eu temos escryto a Vosa Alteza sobre ysto y tanta palabra como nos á dado por sus cartas de facer ysta sastyfacyón (*sic*) muyto bem. E como vy la provysyón del ábyto con treynta myl (*falta: maravedýs*), mandé a Ochoa que no lo mostrase a nadye asta eu tornar restytuyr a Vosa Alteza, suplycándole que mande por aquél as dos cédulas con / (*folio 2*) el ábyto. Dýxome Ochoa que lo dexará Vosa Alteza de açer por cunplyr con otros este negocio. No tyene conparacyón con nyngú (*sic*), en lo uno por estar en my servycyo fora de súa casa, y lo ál por avele (*sic*) Vosa Alteza quytado tan curada tenenya, y sobre tudo avernos posto el rey meu señor (*falta: e*) eu en ysto y ser ansý despachado. Téngalo, señor, a gran desdycha mía; verdaderamente eu no lo meresco a Vosa Alteza, syno que a mý y aquí en tanto me tem servydo, fecyese muyta merced como eu lo espero. Y desto dyrá Ochoa a Vosa Alteza máys largo lo que a mý me va. Suplýcole lo crea.

Y ansý mysmo él me á pedydo lycenya para yrse a servir a Vosa Alteza. Aunque eu perdo bom servydor en él, por seo probeyto, porque él syrva a Vosa Alteza, lo é avydo por bem, aunque me fará falta.

O príncype y sus ermanos bejan as maos a Vosa Alteza cuya real vyda (*falta: e*) estado guarde Noso Señor como eu deseo.

A XXVI de octubre.

La rreyna (*rúbrica*). /

(*Folio 2 vuelto*) (*Restos del sello de placa*).

(*Cruz*) Ao muyto alto e m[uy]to poderoso seño[r] el rey meu señor.

70

[1509, enero]²⁹.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga con noticias para su padre Fernando el Católico.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 91v.

(*Folio 91 vuelto*) (*Cruz*).

Después de lo susodicho, dende quatro días, partió el señor rrey de Portugal para Sintra e yo despaché el correo con la rrespuesta que Su Alteza me dio para el rrey don Fernando nuestro señor. E yo también me partí, luego despedido de

²⁹ Aunque la carta no va fechada, Ochoa de Isasaga declara haber recibido cuatro días atrás otra de Miguel Pérez de Almazán datada en Garrovillas de Alconétar (Cáceres) el 3 de enero de 1509.

Portugal para Castilla, y la rreyna, mi señora, de Portugal me dio una creença para el (*interlineado*: rrey) su padre firmada de su nonbre:

La rreyna.

Lo que vos, Ochoa de Ysasaga, avéys de dezir y suplicar de mi parte al rrey mi señor y padre es lo siguiente:

Ynformar a Su Alteza de todo (*interlineado*: lo) que ha pasado en estos negoçios de entre Su Alteza y el rrey mi señor, y en el estado en que está agora y la manera que se deve tener adelante.

(*Calderón*) Yten, de los negoçios del duque de Medina Sidonia y de don Pedro Girón, y cómo el rrey mi señor e yo esperamos la rrespuesta de Su Alteza sobre lo del duque de Medina Sidonia.

El treslado de la aliança del rrey de Romanos para enbiárnoslo.

La rreyna.

71

1509, enero, 23, Évora.

Copia de una carta de pago de la reina María de Portugal a su tesorero Ochoa de Isasaga por los gastos hechos entre 1501 y 1508.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 51v-52.

(*Folio 51 vuelto*) (*Al margen izquierdo*: Finequito del cargo de la tesorería que tove de la señora rreyna de Portugal. De XLIII^o quentos DCLXVUCCLXX maravedís).

Nos doña María, por la graçia de Dios rreyna de Portugal e de los Algarves, daqueude y allende la mar en África, señora de Guinea e de la conquista e nabegaçión e comerçio de Ethiopia, de Aravia, de Persia e de Yndia, ynfante de Castilla e de Aragón e de Granada.

Por quanto vos el comendador Ochoa de Ysasaga, nuestro thesorero, ovistes rreçibido por nuestro mandado, desde primero día del mes de agosto de mill e quinientos e un años, que fuystes encargado de nos del dicho ofiçio, fasta veynte e çinco días deste presente mes de otubre de mill e quinientos e ocho, asý de nuestras rrentas ordinarias commo de otras estraordinarias, quarenta e tres cuentos y quarenta y ocho mill y trezientos y ocho maravedís, y más que vos fueron cargados en rreçibo, de los alcançes que se vos fizieron en tres vezes que por nuestro mandado se vos tomó cuenta en este tienpo pasado, un cuento y seysçientas y diez e seys mill e nueveçientos e doze maravedís; que son por todos quarenta y quatro cuentos y seysçientas y sesenta y çinco mill y dozientas y setenta maravedís, las quales dichas contías de maravedís por vos fueron gastadas e destrribuydos por nuestro mandado; e por nos fue mandado a Lope de Valdivieso, nuestro mayordomo mayor, e a Juan de Fonseca, escrivano de la hazienda del rrey mi señor, que de los dichos maravedís vos tomasen cuenta e rrazón, los quales, después (*interlineado*: de) aver tomado la dicha cuenta, nos fizieron rrelaçión que avían fallado e fallaron que vos, el dicho comendador Ochoa de Ysasaga, nuestro thesorero, desde el dicho día primero de agosto de mill e quinientos e un años, que fuystes por nos encargado del dicho ofiçio, fasta

el dicho dia veynte y çinco de otubre de mill e quinientos e ocho años, aviades rreçebido e rreçibistes, de las dichas nuestras rrentas ordinarias e estraordinarias e alcançe, los dichos quarenta e quatro cuentos y seysçientas y sesenta y çinco mill e dozientos e setenta maravedís, e no más, e que dellos les distes buena cuenta, clara, fiel e verdadera cómo por vos fueron gastados e destrubuydos por nuestro mandado, todos sin quedar dellos cosa alguna en vuestro poder, según más largamente se mostró por nuestras çédulas, mandamientos e nóminas de desenbargos, firmadas de nuestro nonbre, que mostrastes e entregastes, con conosçimientos de las partes e fees del escrivano de vuestro ofiçio, las quales fincan e quedan en poder de Fernand Arias, contador de nuestra Casa e tierras, e de Lorenço Álvarez, nuestro escrivano de cuentas, por ante quien se vos tomó la dicha cuenta; e que vos devíamos dar por libre e quito de los dichos quarenta e quatro cuentos e seysçientas e sesenta e çinco mill e dozientos e setenta maravedís que por nuestro mandado rreçibistes e cobrastes e destrubuystes, e dellos vos mandásemos dar nuestra carta de pago e finequito para vuestro descargo e seguridad.

E nos tovímoslo por bien, e por la presente damos por libre e quito a vos, el dicho comendador Ochoa de Ysasaga e a vuestros fijos e herederos e sucesores, de todos los dichos quarenta e quatro cuentos e seysçientas / (*folio 52*) e sesenta e cinco mill e dozientos e setenta maravedís que asý vos rrecebistes e cobrastes de las dichas nuestras rrentas e gastastes e destrubuystes por nuestro mandado, segund dicho es.

E por la presente mandamos al dicho nuestro mayordomo mayor e al nuestro contador e a otras qualesquier personas que ovieren de tomar las qüentas de nuestra Casa, así a los que agora son commo a los que fueren de aquí adelante, e a otras qualesquier personas, que agora ni en algùn tienpo ni por alguna manera vos no pidan ni demanden a vos ni a algunos de los dichos vuestros herederos ni sucesores los dichos quarenta e quatro cuentos e seysçientas e sesenta y çinco mill e dozientos e setenta maravedís de suso dichos e declarados, ni parte alguna dellos, ni dellos ni de parte (*sic*), vos pidan ni demanden otra rrazón e cuenta alguna nin vos sea puesto demanda ni embargo.

E por esta nuestra carta rrogamos e mandamos a todas e qualesquier justiçias e otros oficios (*sic*: oficiales), asý deste nuestro rreyno de Portugal como de los rreynos e señoríos de Castilla, que sobre lo susodicho ni sobre parte alguna dello, por sí mismos ni a pedimiento de persona alguna, non vayan ni pasen ni proçedan nin consientan proceder contra vos, el dicho thesorero, ni contra los dichos vuestros bienes ni herederos e suçesores en algùn tienpo, (*interlineado*: por quanto) vos quedáys e nos vos damos por libre e quito de los dichos quarenta e quatro cuentos e seysçientas e sesenta e çinco mill e dozientos e setenta maravedís, por vos asý aver dado la dicha cuenta clara e verdadera e aver entregado commo entregastes las dichas çédulas e mandamientos e nóminas de vuestro descargo, por donde se verificó e pareçió la verdad de cómo todos fueron gastados e destrubuydos por nuestro mandado, asý que para vuestro descargo e buena cuenta no fincó cosa por fazer e mostrar de las que devíades e hérades obligados de fazer e mostrar.

E por quanto por el dicho nuestro mayordomo mayor e Fernand Arias, nuestro contador, vos fue tomada tres vezes cuenta, sin esta que al presente distes, desde

el dicho día que fuystes proveýdo del dicho ofiçio fasta siete de octubre del año pasado de mill e quinientos e siete años, e vos fueron dadas por nuestro mandado tres cartas de pago e finequito firmadas de nuestro nonbre e selladas con nuestro sello, e porque la suma dellas se puso toda en esta quarta e postrera que vos fue tomada por el dicho nuestro mayordomo mayor e Juan de Fonseca el dicho día veynte y çinco de octubre de mill e quinientos e ocho, nos las rrasgamos al tiempo que ésta firmamos.

E desto vos mandamos dar esta nuestra carta de pago e finequito, firmada de nuestro nonbre e sellada con nuestro sello, para vuestra firmeza e seguridad.

Dada en la çibdad de Évora a veynte y tres días del mes de henero de mill e quinientos e nueve años.

Á se de entender que aunque arriba dize que se le tomó esta cuenta fasta veynte y çinco días de octubre del año pasado, no se le acabó de tomar fasta oy dicho día veynte y tres de henero que él entregó otras çédulas de su descargo para complimiento de la dicha cuenta.

Lorenço Álvarez, escrivano de qüentas de Su Alteza, la fize.

Yo la rreyna.

Lope de Valdivieso.

Álvaro Martines, chançiller.

72

1509, enero, 25, Évora.

Copia de un albalá de provisión de la reina María de Portugal ordenando al mayordomo mayor Lope de Valdivielso asentar en los libros de nóminas la merced a Ochoa de Isasaga de una renta anual de 25.000 maravedís.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 96v-97.

(Folio 96 vuelto) (*Al margen izquierdo*: Merçed de XXVU de por vida de la rreyna de Portugal, en sus libros, en Portugal) Nos doña María, por la graçia de Dios rreyna de Portugal y de los Algarves, de aquende y de aliende del mar en África, señora de Guinea y de la conquista y navegación y comerçio de Aravia / (*folio 97*) y Persia y de la Yndia, ynfante de Castilla y de Aragón y de Seçilia y de Granada y etçétera.

Fazemos saber a vos, Lope de Valdivieso, nuestro mayordomo mayor que agora soys, o a otro qualquier que adelante lo fuere, que por faser merçed al comendador Ochoa de Ysasaga, nuestro thesorero que fue, y por los serviçios que dél esperamos que nos fará, nuestra merçed e voluntad hes que aya e tenga de nos en cada un año veynte e çinco mill maravedís asentados en nuestros libros, y que los aya e goze estando en Castilla (*al margen izquierdo*: Estos XXVU rrenunçié por troque a Juan Suárez).

Por que vos mandamos que los pongáys y asentéys así en los nuestros libros e nóminas donde se suelen asentar los semejantes maravedís, y libréys al dicho comendador Ochoa de Ysasaga los dichos veynte e çinco mill maravedís desde primero día del mes de henero deste presente año de la fecha deste nuestro alvalá, y dende en adelante en cada un año, segund e quando librardes a las otras

personas que de nos tienen los semejantes maravedís o a los oficiales de nuestra Casa.

Y tomad el treslado deste dicho nuestro alvalá y fazeldo (*sic*) asentar en los dichos nuestros libros y tornad este oreginal al dicho comendador Ochoa de Ysasaga para que lo él tenga para su seguridad.

En firmeza de lo qual le mandamos dar esta nuestra carta firmada de nuestro nonbre.

Fecha en Évora a veynte e çinco días del mes de henero año del nasçimiento de Nuestro Salvador Jhesuchristo de mill e quinientos e nueve años.

La rreyna.

Lope de Valdivieso.

Y en las espaldas estava escrito lo siguiente: “Registrado, Françisco de Hermosilla”.

73

1509, marzo, 20, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre la concesión de un hábito a Pedro de Brecianos.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 95.

(Folio 95) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos a saludar.

Nos escrevimos al rrey mi señor suplicando a Su Alteza que por nos hazer merçed quiera mandar dar el ábito de Calatrava o Alcántara a Pedro de Brizianos, nuestro copero, porque él, por se allar sienpre más en este rreyno, no nos puede servir, y querrriase asentar por serviçio nuestro. Que vos lleguéys con él a Su Alteza quando le diere nuestra carta y ge lo supliquéys de nuestra parte y le ayudéys a lo negoçiar y a todo lo que viéredes que le cunple, fasta que se acabe, pues sabéys quánto tienpo á que es nuestro criado y lo que nos tiene servido y quánta rrazón ay para que nos procuremos lo que le cunple, que mucho nos serviréys en todo lo que en esto trabajáredes.

Fecha en Évora a XX de março de DIX.

La rreyna.

74

1509, abril, 23, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre una petición de Juan de Zora.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 94v.

(Folio 94 vuelto) (Calderón) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos a saludar.

Juan de Çora, nuestro moço d'espuelas, nos ha suplicado que porque él es natural de la villa de Bivero en Galizia y diz que ay allí un Juan Ferrandes Sazido que es rregidor de la dicha villa y es onbre viejo y doliente, que os escriviéramos que supliquéys al rrey mi señor que le haga merçed, por rrespeto nuestro, del dicho rregimiento quando vacare, o de otro, el primero que allí fuere vaco. Y aunque nos olgaríamos de le hazer merçed por ser nuestro criado, no querriamos ynportunar a Su Alteza. Veldo (*sic*: Vedlo) vos y aved ynformación de cómmo se suele esto hazer y, sy fuere cosa rrazonable, suplicaldo (*sic*: suplicadlo) a Su Alteza de nuestra parte, que plazer avríamos que se fiziese, sin Su Alteza dello rreçibir ynportunaçión.

Fecha en Évora a XXIII de abril de DIX.

La rreyna.

75

1509, abril, 23, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre ciertos indultos.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 94v-95.

(*Folio 94 vuelto*) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos a saludar.

Ya sabéys cómmo de uno de los viajes que fuystes a Castilla llevastes a cargo de suplicar al rrey mi señor de nuestra parte que nos fiziese merçed de mandar asentar el yndulto, quando viniese, (*falta*: de) estos nuestros capellanes, y cómmo Su Alteza rrespondió que le plazía. Agora nos avemos sabido quel dicho yndulto es venido. Escrevimos a Su Alteza tornándogelo a suplicar. Si estuviere en términos que no sea menester dalle nuestra carta, no ge la deys, y si no, dádgela y suplicádgelo mucho de nuestra parte, que mucha merçed nos fará en ello.

Así bien llevastes a cargo de negoçiar con Su Alteza aquellas provisyones que Antonio Salvago pide para lo de Sevilla, y escrevistes que no estavan del todo despachadas. Y porque él dize que Valian Salvago, su hermano, le da priesa por ellas; por serviçio nuestro, que sy no las avéys enbiado, que trabajéys de avellas lo más presto que ser pudiere. Y si allardes tal persona que vaya a Sevilla, las enbiéys al dicho Valian Salvago, y si no, aquí a nos. Y en esto poned mucha diligençia. Y sy él de allá algunas cosas os escreviere que le cunple, serviçio nos aréys en negoçiallo con Su Alteza, que ya / (*folio 95*) sabéys que todo quanto allá y acá se trabaja en estos negoçios es bien menester para la cobrança destos dineros, y para vos, que sabemos la diligençia que ponéys en todas las cosas de nuestro serviçio.

No cunple encomendaros más nada de lo dicho.

Fecha en Évora a XXIII de abril de DIX.

La rreyna.

76

1509, mayo, 18, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga solicitando un puesto en la corte para Gregorio Vázquez.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 95.

(Folio 95) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos saludar.

Ya sabéys cómmo por este Gregorio Vázquez, nuestro criado, ser culpado en muerte de un onbre, no puede estar en este rreyno, y cómo nos ovimos escrito al rrey mi señor, suplicando a Su Alteza que se quesiese servir dél por que no se perdiese, y Su Alteza nos rrespondió que por estonçes no avía lugar. Agora él tornó a rrequerirnos por algún rremedio, y nos, aviendo compasión de le ver andar asý descarriado, acordamos de escreviros y enbiárosle allá para que vos, de nuestra parte, supliquéys a Su Alteza que por nos hazer merçed, aviendo rrespeto a que es nuestro criado, le quiera mandar rreçibir o para sí o para alguna de las (*interlineado*: señoras) rreynas mi madre (*sic*)³⁰ o hermana, o para el ynfante mi sobrino. Y esto os encomendamos que trabajéys de manera que él no quede asý perdido commo está, que serviçio nos haréys en ello.

Fecha en Évora a XVIIIº de (*tachado*: DIX) mayo de DIX.

La rreyna.

77

1509, junio, 21, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre el cobro de un juro en Sevilla.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, ff. 95-95v.

(Folio 95) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos a saludar.

Para algunas diligençias que se han de hazer para la cobrança de nuestro juro de Sevilla y su tierra, ay neçesidad de saber estas cosas que de yuso van por capítulos. Y porque allá no ay rrazón dellas, cunple que vos las fagáys sacar de los libros de los contadores, abtorizadas, de manera que hagan fe, y nos las enbiéys con la primera persona de rrecabdo que viniere:

Primeramente quién son los fiadores de los almoxarifes de los años de DVIIIº, de DIX.

(*Calderón*) Más los fiadores de Gómez de Córdoba por las tres rrentas, scilicet: heredades, pescado fresco y pescado salado.

(*Calderón*) Más los fiadores de Alonso Faraz del Partido de la madera del año de DIX. /

³⁰ Hacia cuatro años y medio que Isabel la Católica había muerto en Medina del Campo.

(*Folio 95 vuelto*) Y también es menester una carta del rrey mi señor para el corregidor de Cáliz (*sic*) en que le mande que brevemente despache y haga justiçia contra los fiadores y obligados por Juan de Córdova. Suplicad vos a Su Alteza de nuestra parte que nos faga merçed della, y enbiádnosla con los otros rrecabdos de suso.

Fecha en Évora a XXI de junio de DIX.

78

1509, julio, 3, Évora.

Copia de una misiva de la reina María de Portugal a Ochoa de Isasaga sobre el pago de una renta a Alfonso de Alburquerque.

B. Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas, núm. 1803, f. 95v.

(*Folio 95 vuelto*) Comendador Ochoa de Ysasaga:

Nos la rreyna de Portugal, etçétera, vos enbiamos saludar.

Nos escrevimos al rrey mi señor suplicando a Su Alteza que unos treynta mill maravedís que don Alonso de Alburquerque, hijo del conde de Peñamacor, tiene de Su Alteza cada año, mande que le sean pagados, no enbargante que él no rresida allá tan contino commo solía, porque dize que a esta cabsa le ha sido puesta alguna dubda en la librança dellos. Y porque él enbía allá a lo negoçiar; por serviçio nuestro, que trabajéys que quien de su parte sobre ello rrequiere aya buen despacho, y si neçesario fuere ablar vos a Su Alteza de nuestra parte, lo fagáys.

Fecha en Évora a III de jullio de DIX.

Estos dize que sienpre le fueron pagados syno el año pasado de DVIII^o que le fue puesta esta dubda. Y que ha enbiado allá un su yerno (?) con poder para los cobrar y que no sabe lo que ha fecho. Y asý bien deste presente año de DIX. Y sy fuere neçesario hablar vos sobre ello al thesorero Luys Sánchez de nuestra parte, hazeldo (*sic*) y dezilde (*sic*) que le ternemos en serviçio todo buen despacho que en ello diere.

La rreyna.

79

[1509]³¹, octubre, 15.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico informándole de que Gómez de Santillana parte a pedirle que autorice una saca de grano.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-13, ff. 51-51v.

(*Folio 51*) (*Cruz*) Muyto alto e muyto poderoso señor:

Gomes de Santyllana leva feyto o asiento, fyrmado e jurado del rey meu señor, como Vosa Alteza o verá.

³¹ El año vuelve a basarse en el orden del volumen A-13 de la colección Salazar.

E ansy va con él Juan de Farya para tracer a mí súo recado de Vosa Alteza porque eu non tenho máys bem que ver a Vosas Altezas en esta conformydad. Le besaréy as maos por facerse este despacho con tanto amor como eu espero e meresco a Vosa Alteza.

Porque eu falé con Santyllana ansy en ysto como en otras cosas, non dygo máys de suplycar a Vosa Alteza me faca (*sic*) merced de la saca que le enbyé pedyr porque el rey meu señor tem muyta necesydad de ella.

O príncepe e sus irmaos bejan as maos de Vosa Alteza.

Guarde Noso Señor la muyto real persoa de Vosa Alteza con tanto acrecentamento (*interlineado*: de) mayores reynos como eu desejo.

A quynce de octubre.

La rreyna (*rúbrica*) /

(*Folio 51 vuelto*) (*Restos del sello de placa*).

(*Cruz*) Ao muyto alto e m[uyto] poderoso seño[r] el rey meu s[eñor].

80

1511, enero, 27, Almeirim.

Copia de una carta de merced de la reina María de Portugal concediendo a Cristóbal Correa una renta anual de 50.000 reales.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 5v-6. Inserta en su confirmación por la propia reina (Lisboa, 25 de julio de 1513).

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), pp. 14-15.

(*Folio 5 vuelto*) Dona Marya, a quanto (*sic*) esta nosa carta vyrem fazemos saber que, esgardando nós os muytos serviços que temos rreçebidos de Christovam Corea, do Conselho del rrey meu senhor, e aos que esperamos delle ao diamte rreçeber, querendolhe fazer graça e merçê, temos por bem e queremos he nos praz que des primeyro dya do mes de janeyro que ora pasou deste annho presentemte de mill e quinhentos e onze em diante, em cada huum annho, em dyas de sua vyda, elle tenha e aja de nós de tença cymquoemta míll rreais bramquos em satysfaçam de seus serviços.

Por em mamdamos a Ruy Tellez, noso moordorno moor, que em cada huum annho lhos mande despachar e pagar a noso tesoureyro, aos terços e quarteos do annho, segundo se fizeremos outros pagamentos de nosa Casa, e em tall maneira que elle seya bem paguo, porque asy nos prazera que lhe seya feito.

Dada em Almeiry a XXVII dias do mes de janeiro de mill e quinhentos e onze.

E posto que digo “em sua vyda”, nom hos ha d’aver se nam em quanto for nosa merçê.

81

[1511]³², julio, 3, Lisboa.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico pidiéndole que envíe 3000 cahíces de trigo.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-13, ff. 156-156v.

(Folio 156) (Cruz) Muyto alto e muyto poderoso señor:

El rey meu señor tyene muyta neçesydad de trygo para os lugares de além e porque cuyda que por mý o fará Vosa Alteza mejor, (*tachado*: dycho) dýxome que eu escryvyese a Vosa Alteza suplycándole le fýcyese merced de una saca de tres myl caýces de trygo por los puertos de Sevylla. En esto me fará Vosa Alteza gran merced porque éste no va a otra cosa syno a esto. Bej[o] eu as maos de Vosa Alteza por mandala despacar (*sic*: despachar).

El príncype e sus yrmaos están bem. Bejam as maos a Vosa Alteza.

Guarde Noso Señor su muyto real persoa con tanto acrecentamento de súa vyda e real estado como Vosa Alteza desea, eu querýa.

De Lysboa a III de julio.

La rreyna (*rúbrica*). /

(Folio 156 vuelto) (*Restos del sello de placa*).

(Cruz) Ao muyto alto e m[uyto] poderoso señor [el] rey meu se[ñor].

82

1511, agosto, 14, Lisboa.

Mandato de la reina María de Portugal al receptor de la Casa de Indias Juan de Sá de entregar ciertas mercancías a la camarera Aldonza Suárez, escrito en el vuelto de un albalá de Manuel I (Lisboa a 2 de agosto de 1511) que ordenaba al receptor darlas a quien la reina determinase, y recibí de la camarera (Lisboa a 24 de octubre de 1511).

A. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte I, maço 10, núm. 75.

(Folio 1) Nós el rrey mandamos a vós Joham de Saa, rrecedor da especieria e cousas da Índia, e aos scripvanos de voso careguo, que entregues a quem vos mandar a raynha minha, sobre todas muyto amada e precada (*sic*: preçada) molher, todo ho ambar e almizcre e aljôfar e pannos que recadastes e recebestes de nosos dereytos destas doze naaos que agora derradeiramemte vieram da Índia, porque todo lhe mandamos dar.

E por este noso alvará, com seu mandado da pesoa a quem volo manda entregar, e conhecimento da dita pesoa em que declare todo o que de vós rrecebe, com decraracam (*sic*: decraçam) de cada cousa asy como sobre vós estese caregado em rrecepta, feito per seu scrivam se o tener, em que declare cómo todo caregou sobre elle em rrecepta, mandamos aos comtadores que todo vos levem en comta.

³² Año deducido por el orden del volumen A-13 de la colección Salazar.

Scrito em Lixboa a II dias d'agosto.

O secretario o fiz.

IM VC XI.

Rey (*rúbrica*).

E destas cousas por em, ante de as dardes, apartares premeiro a vymtena que pertence a Nosa Senhora de Belém para se lhe aver de dar, e ficará na casa.

Rey (*rúbrica*).

Alvará pera Yoham de Saa, que entregue a quem lhe mandar a rraynha todo ho ambar, almizcre, aljôfar e panos que se rrecadou e elle rrecebeo dos vosos direitos destas XII naos que vieram da Yndia. /

(*Folio 1 vuelto*) Joham de Saa:

Mandamos-vos que estas cousas que por este alvará del rrey meu senhor (*tachado*: me) avees d'entregar, as emtrequees a Aldonça Soárez, nosa camareira. E cobrarvos della seu conheçimento soamente para vosa comta.

Feyto em Lixboa a XIII dias d'agosto de 1511.

La rreyna (*rúbrica*).

A Joham de Saa, que entregue as cousas do quarto destas naaos (*tachado*) a a (*sic*) camareira de Vosa Alteza. /

(*Folio 2*) Conozco yo, Aldonça Suárez, camarera de la rreyna nuestra señora, que rreçebí de vos, Juan de Sa, thesorero de las cosas de la Yndia, todas las cosas que de yuso serán declaradas, las quales vos me distes por un mandado del rrey nuestro señor para las yo tener en guarda en la cámara de la dicha señora, en esta guisa:

(*Al margen izquierdo*: 443 varas $\frac{1}{3}$ de beatillas) (*Calderón*) Primeramente quatroçientas y quarenta y tres varas y una terçia de beatillas de la Yndia, de diferentes maneras.

(*Al margen izquierdo*: 53 varas $\frac{1}{4}$ de paño crudo) (*Calderón*) Más çinquenta y (*primero se puso*: quatro) tres varas y una quarta de paño crudo y delgado diferente.

(*Al margen izquierdo*: 24 varas $\frac{1}{4}$ de paño crudo) (*Calderón*) Más de paños crudo, gruesos y delgados, veynte y quatro varas y una quarta.

(*Al margen izquierdo*: 141 varas de chubar, 111 varas $\frac{1}{2}$) (*Calderón*) Más de chuvar, curados y por curar, çiento y quarenta y una varas, de las quales vos tornaron de veyntena veynte y quatro varas y media, asý que quedan en mi poder çiento y quinze varas y media.

(*Calderón*) Más de cachas medidas setenta y seys varas y tres quartas.

(*Al margen izquierdo*: 24 pieças $\frac{1}{2}$ de beirames) (*Calderón*) Más de beyrames sin medida veynte y quatro pieças y media, el uno (*sic*) en dos pedaços.

(*Al margen izquierdo*: 13 pieças de cachas) (*Calderón*) Más treze pieças enteras de cachas sin medir.

(*Al margen izquierdo*: 5 paños de ganbaia) (*Calderón*) Más çinco paños de ganbaya pintados syn medir.

(*Al margen izquierdo*: 2 $\frac{1}{2}$ de paño crudo) (*Calderón*) Más un paño crudo con una orilla de azul y otra colorada, en que ovo dos varas y media.

(*Calderón*) Más de tafiçiras³³ diez pieças enteras y tres quartos de una, y más tres varas y tres quartas de lo dicho.

(*Calderón*) Más nueve toallas de las yslas, listadas de seda las syete, y las dos atoalladas de blanco.

(*Calderón*) Más una toca con orillas de seda blancas y bivos oro y negro, que no se midió.

(*Calderón*) Más un paño con orillas listadas de colores y bivos de seda, que no se midió.

(*Calderón*) Más un paño de seda, todo listado de colores con bivos de oro, que no se midió.

(*Calderón*) Más otro paño commo el dicho, syn bivos, que no se midió. /

(*Folio 2 vuelto*) (*Calderón*) Más un paño blanco con orillas de seda blancas que tiene dos varas y çinco seysmas.

(*Calderón*) Más treynta y çinco onças y seys ochavas de ánbar.

(*Calderón*) Más de girigonças por pulir, quatro onças y siete ochavas.

(*Calderón*) Más de jaçintos grandes, veynte y ocho pieças.

(*Calderón*) Más de jaçintos pequeños y chiquitos ochenta y una pieças.

(*Calderón*) Más seys ojos de gato, grandes y pequeños.

(*Calderón*) Más de granates linpios, nueve onças.

(*Calderón*) Más de mantistas (*sic*: amantistas o amatistas) grandes linpias, syete pares.

(*Calderón*) Más de amatistas de agua, ochenta y dos pares.

(*Calderón*) Más de çafiras y amantistas de agua, quarenta y nueve pares.

(*Calderón*) Más un topaçio pequeño y tres çafiras grandes.

(*Calderón*) Más çinqüenta y dos rrubíes buenos pequeños, todos syn labrar.

(*Calderón*) Más de rrubíes muy chiquitos, quarenta y tres pares.

(*Calderón*) Más de almizque rruyn, quatro ochavas y media y tres granos.

(*Calderón*) Más de almizque bueno, quatro ochavas y sesenta y quatro granos.

(*Calderón*) Más veynte y un granos de aljófar grueso, de cuento³⁴, que no se pesaron.

(*Calderón*) Más syete perlas pequeñas que no se pesaron.

(*Calderón*) Más una turquesa mediana.

(*Calderón*) Más de aljófar de veynte cruzados la onça, ses (*sic*: seis) ochavas y quarenta granos.

(*Calderón*) Más una ochava y diez y syete granos de aljófar de nueve cruzados la onça.

(*Calderón*) Más nueve onças y quatro ochavas de aljófar de trezientos y çinqüenta rreales la onça.

(*Calderón*) Más diez y nueve onças y çinco ochavas y çinqüenta y dos granos de aljófar de ochoçientos rreales la onça.

(*Calderón*) Más de aljófar de quinientos rreales la onça, syete onças y tres ochavas.

³³ *Taficira*, ‘espécie de chita da Índia’; *chita*, ‘tecido ordinário de algodão, estampado a côres’ (diccionario citado).

³⁴ El aljófar adornaba a veces el borde o canto del vestido, y ese *de cuento* quizás vaya por ahí.

(*Calderón*) Más de aljófár de tres cruzados onça, doze onças y dos ochavas y sesenta y nueve granos. /

(*Folio 3*) (*Calderón*) Más de aljófár de quatro cruzados onça, quatro onças y quatro ochavas y quarenta y quatro granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de tres cruzados onça, nueve onças y quatro ochavas y sesenta granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de mill rreales onça, çinco onças y dos ochavas y çinquenta y ocho granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de çinco cruzados onça, honze onças y syete ochavas.

(*Calderón*) Más de aljófár de dos cruzados onça, treze onças y una ochava y çinco granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de seys cruzados onça, nueve onças y seys ochavas y sesenta granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de ocho cruzados onça, seys onças y dos ochavas y çinco granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de trezientos y noventa rreales onça, çinco onças y veynte y tres granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de seysçientos rreales onça, dos onças y tres ochavas y treynta y seys granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de trezientos rreales onça, dos onças y syete ochavas y veynte y quatro granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de seteçientos rreales onça, una onça y tres ochavas y ocho granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de diez cruzados onça, dos onças y çinco ochavas y quinze granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de siete cruzados onça, una onça y quatro ochavas y çinquenta y ocho granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de nueveçientos rreales onça, dos onças y tres ochavas y catorze granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de tres cruzados y medio onça, una onça y çinco ochavas y quarenta y quatro granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de quinze cruzados onça, una onça y una ochava y doze granos. /

(*Folio 3 vuelto*) (*Calderón*) Más de aljófár de tres cruzados onça, una onça y dos ochavas y çinquenta y un granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de nueve cruzados onça, dos ochavas y sesenta y ocho granos.

(*Calderón*) Más de aljófár de doze cruzados onça, una ochava y çinquenta y seys granos.

Y porque es verdad que rreçebí todas las dichas cosas, segund que de suso van escritas e declaradas, vos di este conosçimiento firmado de mi nonbre y de Françisco de Hermosilla, escrivano de la cámara y thesoro de la dicha señora, que me tiene fecho cargo de todas.

Fecho en Lisboa a veynte y quatro de otubre de IUDXI años.

Suárez (*rúbrica*).

Françisco de Hermosilla (*rúbrica*).

83

1512, enero, 31, Lisboa.

Misiva de la reina de Portugal María a su padre Fernando el Católico informándole del nacimiento de su hijo Enrique.

A. Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro, A-10, núm. 28.

(Cruz).

Muy alto y muy poderoso príncipe muy cathólico rrey mi señor:

Porque oy día de la fecha desta á plazido a Nuestro Senor (*sic*) de me alunbrar de un hijo del parto, del qual quedo buena, a Él sean dadas por ello muchas graçias. Y porque tengo creýdo que por los merescimientos de Vuestra Alteza Dios me á guardado y hecho tantas merçedes commo dél tengo rreçebidas, acordé de ge lo haser saber para que aya plazer.

Nuestro Señor la muy rreal persona y estado de Vuestra Alteza guarde y acreçiente con muchos más rreynos a su serviçio commo lo desea.

Fecha en Lixboa a postrero de enero de DXII.

La rreyna (*rúbrica*). /

(*Vuelto*) (*Restos del sello de placa*).

(Cruz) Al muy alto y muy poderoso príncipe muy cathólico rrey y señor el rrey mi señor.

84

1512, diciembre, 7, Évora.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Viseo respetar el privilegio concedido a su criado Francisco Coelho eximiendo a sus servidores de determinados impuestos y obligaciones con el municipio.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 4-5. Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, *Miscelânea*, 1 (1932), p. 14.

(*Folio 4*) Previlégio de caregos do conçelho a Françisco Coelho de Viseu.

Dona Maria et cetera, ffazemos saber a vós, juízes, veradores e procurador que ora soes e ao diante fordes da nosa cidade de Viseu, que queremdo nós fazer graça e merçê a Françisco Coelho, noso criado, cavalheiro da casa de el rrey meu senhor, por o serviço que dele temos rreçebido e ao diante esperamos rreceber, temos por bem, queremos e nos praz que os seus caseiros, amos e todos seus criados e pessoas que com ele viveram e o servirem de capas e saias que lhe ele der, sem engano nem maliçia, sejam daqui em diante previligiados e escusados que nom pagem em nenhumas peitas, fintas, talhas, pedidos, serviços, enpréstidos que pello conçelho sejam llançados per (*sic*: por) qualquer gisa, modo e maneira que seja, nem vão com presos nem com dinheiros, nem sejam / (*folio 4 vuelto*) titores nem curadores de nenhumas pessoas que sejam, salvo se as titorias forem lidimas; nem sirvam em nenhums cargos, ofiços nem servidoes do

dito conçelho, nem sejam ofiçiaes delle contra sua vontade, nem pousem com eles em suas casas de morada, adegas nem cavaliariças, nem lhe tomem seu pam, vinho, rroupa, palha, cevada, lenha, galinhas, gados nem bestas, de sella nem d'albarda; nem outra allguna cousa do seu contra sua vontade.

Por em vos mandamos, e a quaesquer outros ofiçiaes e pessoas da dita cidade a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer, que em todo lha cumpraes e gardeis e façaes ynteiramente conpryr / (*folio 5*) e guardar como nela hé contehúdo, sem dúvida nem embargo algum que lhe em ello seja posto, porque asy hé nosa merçê.

Dada em a nosa cidade d'Évora a VII dias do mes de dezembro.

Antonio Fernandez a fez.

Anho de Noso Senhor Jhesuchristo de I VC XII.

85

1513, febrero, 27, Évora.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Torres Vedras que reciba por notario a Gómez da Rocha.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 1-2. Outra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, "Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel", Miscelânea, 1 (1932), p. 13.

(*Folio 1*) Dona Maria, et cetera, a quamtos esta nosa carta virem.

Fazemos saber a vós, juízes, veradores e omes bonos da nosa villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras, que, comfiando nós da bondade, fiellidade e descriçam de Gomez da Rocha, escudeiro, morador em a dita villa, que nos saberá bem servir como cumpre a noso serviço e bem das partes, teemos por bem e o damos ora daqui em diante por taballiam ppúblico das notas em esa villa e seu termo asy e pella gisa, modo e maneira que o ele deve ser e o era Allvaro Gonçalez, seu pay, que o dito ofiçio tinha e ora o rrenunçiou em nosas maaos para dele ffazermos merçê ao dito seu ffilho, segundo dello fomos certo per hum estromento ppúblico de rrenunçiaçam, feito e asynado per o dito Allvaro Gonçalez aos IX dias de fevereiro da era presente de 1513, segundo mais compridamemte em a dita rrenunçiaçam era contheúdo.

Por em mandamos que ajaes daqui en diante o dito Gomez da Rocha / (*folio 1 vuelto*) por taballiam ppúblico em esa villa e seu termo, e o leixés servir e husar do dito ofiçio e aver as rrendas, prooes, percalços, yntareses a elle hordenados, e asy e pela maneira que ho dito seu pay até ora o dito ofiçio peseyó (*sic*: poseyó), sem dúvida nem embargo allgum que lhe em ello seja posto, porque asy hé nosa merçê.

O qual Gomez da Rocha jurou em a nosa chancelaria aos santos Avamjelhos, que bem e verdadeiramente e como deve, obre e huse do dito ofiçio e cumpre e garde o rregimento que da dita nosa chancelaria leva gardamdo, e todo noso serviço, e ao povo o seu direito.

Dada em a nosa cidade d'Évora a XXVII dias do mes de fevereiro.

Antonio Fernandez a fez.

Anho de Noso Senhor Jhesuchristo de I VC XIII. /
(Folio 2) Eu Gomez da Rocha meu públlico sinall fyz, que tall hé (signo).

86

1513, marzo, 3, Évora.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Viseo respetar el privilegio concedido al escudero Pedro Rodríguez eximiendo a sus servidores de determinados impuestos y obligaciones con el municipio.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 2-3v.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), pp. 13-14.

(Folio 2) Previlégio de caregos do conçejo.

Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

Fazemos saber a vós, juízes, veradores e ofiçaes da nosa cidade de Viseu que ora soes e ao diante fordes, que querendo nós fazer graça e mercê / (folio 2 vuelto) a Pedro Rodríguez, escudeiro, morador em a nosa cidade de Viseu, pello serviço que delle temos rreçebido e ao diante esperamos rreceber, temos por bem, queremos e nos praz que os seus creados que com elle viverem e o servyrem de capas e saias que lhe der, sem outro emganno nem malícia, e todos seos amos e mordomas e llavradores que esta virem e llavrarem em as suas quimtaas e casaes emcabeçados, sejam previligiados e escusados que nam paguem em nenhuma peitas, fyntas, talhas, pedidos, serviços, impréstidos que por o conçelho desa çidade forem lamçados por qualquer modo e maneira que seja, nem vão com presos nem com dinheiros, nem sejam titores nem curadores de nenhuma pesoas que sejam, / (folio 3) sallvo se as titorias forem lýdimas, nem serviram em outros nenhuns emcarregos, nem servidoes do dito conçelho, nem sejam ofyciaes delle contra suas vomtades.

Outrosy nos praz que nom pousem com elles em suas casas de morada, adegas nem cavaliças, nem lhe tomem seu pam nem vinho, rroupa, palha, çevada, lenha, gallinhas, gados nem bestas, de sella nem d'albarda; nem outra allguma cousa do seu contra sua vontade.

Por em vos mandamos que em todo lhe cumpraes e gardeis e façaes ynteiramente cumprir e gardar esta nosa carta / (folio 3 vuelto) de previlégio asy como nele hé contheúdo, sem dúvida nem embargo allgum que lhe em ello seja posto, porque asy hé nosa mercê.

Dada em a nosa cidade d'Évora aos III dias do mes de março anho de Noso Senhor Jhesuchristo de I VC XIII.

87

1513, julio, 25, Lisboa.

Copia de una carta de merced de la reina María de Portugal traspasando a Catalina Detayde una renta anual de 50.000 reales que la propia reina había

concedido a su marido Cristóbal Correa mediante otra carta de merced (Almeirim a 27 de enero de 1511) que se inserta.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 5-6. Outra transcrição em Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), pp. 14-15.

(Folio 5) Padram de Catalina Dataide, molher de Christovam Corea.

Dona Maria, a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que Christovam Corea, do Conselho del rrey meu senhor, tynha de nós de temça L^{ta} mill reais de tença em cada hum / (folio 5 vuelto) annho, em quanto nosa merçê fose, por hum noso padram, do qual ho theor hé o que se segue:

“Dona Marya, a quanto (*sic*) esta nosa carta vyrem fazemos saber que, esgardando nós os muytos serviços que temos rreçebidos de Christovam Corea, do Conselho del rrey meu senhor, e aos que esperamos delle ao diamte rreçeber, querendolhe fazer graça e merçê, temos por bem e queremos he nos praz que des primeyro dya do mes de janeyro que ora pasou deste annho presentem de mill e quinhentos e onze em diante, em cada huum annho, em dyas de sua vyda, elle tenha e aja de nós de tença cymquoemta mill rreais bramquos em satysfaçam de seus serviços.

Por em mamdamos a Ruy Tellez, noso moordorno moor, que em cada huum annho lhos mande despachar e pagar a noso tesoureyro, aos terços e quartees do annho, segundo se fizeremos outros pagamentos de nosa Casa, e em tall maneira que elle seya bem paguo, porque asy nos prazera que lhe seya feito.

Dada em Almeiryra a XXVII dias do mes de janeiro de mill e quinhentos e onze.

E posto que digo “em sua vyda”, nom hos ha d’aver se nam em quanto for nosa merçê”.

E o dicto (*tachado*: Chrid) Christovam / (folio 6) Corea nos pedyo por merçê que ha dicta temça dos dictos cynquoenta mill reais quysesemos tresparar em poher em Cateryna Detayde, sua molher, em quem lhe a elle a prasya os pasar.

E visto por nós seu rrequyrimiento, querendolhe fazer graça e merçê pollos muytos serviços que delle temos rreçebidos e esperamos ao diamte rreçeber (*sic*), e também por folgarmos de a ella fazer merçê, temos por bem, quereemos e nos praz que des ho primeiro dya de janeiro que vem, do annho de mill he quinhentos e quatorze em diante, em cada huum annho, ha dicta Catalina Detayde, sua molher, tenha e aja de nós de temça, em quanto nosa merçê for, os dictos cymquoenta mill rreais asy como o dicto Christovam Corea os tynha de nós polo dicto padram.

Por em mandamos a Ruy Tellez, noso moordomo moor, que em cada hum annho lhos mande (*tachado*: pagar) despachar he pagar ao noso tesoureyro, aos terços hou quartees do annho, segundo se fizerem os outros pagamentos de nosa Casa, e em tall maneira que elle seya bem paguo, porque asy nos prazera que lhe seya feito.

Dada em a nosa çidade de Lixboa a XXV dias do mes de julho.

Antonio Fernandez a fez.

De mill VC XIII.

88

1513, octubre, 18, Lisboa.

Copia de una carta de merced de la reina de Portugal María nombrando a Simón Vázquez notario de Torres Vedras.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 6v-7.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), pp. 15-16.

(Folio 6 vuelto) Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

Fazemos saber que, confiando nós da bondade, fieelldade e descreçam de Symam Vaasquez, escudeiro do mestre de Santiago, meu muito (*tachado*: amado e) preçado sobrinho, morador em a nosa villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras, que nos saberá bem servir e como cumpre a noso serviço e bem das partes, temos por bem e o damos ora daqui em diamte por tabaliam público das notas em a dita villa e seu termo, asy e pela guisa e maneira que o ele deve ser e o era Pero d’Almeida, que o dito ofiçio tinha e ora o rrenunçiou em nosas maos per virtude de hum noso alvará de licença que de nós ouve para poder vender ho dito ofiçio ao dito Symam Vasquez, segundo mais cumpridamente se contemhe no estromento de rrenunciaçam que parecia ser feito e asynado por Joham Rodríguez, público tabaliam por el rrei meu senhor em a nosa cidade de Lixboa aos XVIIº dias do mes d’outubro do anho presente / (*folio 7*) de I VC XIII.

Por em mandamos aos juízes, procurador e povoo da dita villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras, et cetera.

Em forma.

Dada em a nosa cidade de Lixboa a XVIIIº dias do mes d’outubro.

António Fernandez a fez.

De I VC XIII.

Eu, Symão Vaasquez, que esto escrevy he aquy meu proprio synall fiz, que tall hé (*signo*).

89

1515, enero, 16, Lisboa.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Torres Vedras respetar el nombramiento de Francisco de Escobar como fiel de fechos y pesquisidor de la villa.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 7v-8.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), p. 16.

(*Folio 7 vuelto*) Livro dos registros do anho de VC XV.

Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

Fazemos saber a vós, juizes, veradores e omnes bonos da nosa villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras que, confiando nós da bondade, fiellidade e descriçam de Françisco d'Escovar, escudeiro de nosa Casa e noso scrivam dos comtos, que nos saberá bem servir e como compre a noso serviço, teemos por bem e o damos ora daqui em diamte por contador dos feitos e emqueredor em esa villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras e seu termo, asy e pela gisa, modo e maneira que ho elle / (*folio 8*) deve ser e o era Pero Serraão, que os ditos ofiços tinha e se finou.

Por em vos mandamos que ajaes daqui em diamte, et cetera.

Em forma.

Dada em a villa d'Almeirim a XVI dias de janeiro de I VC XC.

90

1515, enero, 16, Lisboa.

Copia de un albalá de la reina de Portugal María autorizando a Francisco de Escobar, fiel de fechos y pesquisidor de Torres Vedras, a nombrar lugartenientes.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 8-8v.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, "Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel", Miscelânea, 1 (1932), p. 16.

(*Folio 8*) Nós a rrainha, por este noso alvará nos praz dar lugar e licença a Françisco d'Escovar, escudeiro de nosa Casa e noso scrivam dos contos, contador dos feitos e emqueredor em a nosa villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras, que ele posa poer quem por ele serva os ditos ofiços em quanto ho overmos por bem e non mandamos o contrario, con tanto que a pessoa que asy poser, seja avto e pertemçemente para os servir e a praz e consentimento dos juizes da dita villa.

E fazendo aquel que asy poser tall erro ou erros / (*folio 8 vuelto*) nos ditos ofiços porque con direito os deva perder, el dito Françisco d'Escovar perderá para nosa câmera a valia dos ditos ofiços, e aquela pesoa que os ditos erros (*sic*: erros) fizer, ficará obrigado, além diso, a qualquer pena crime que for nosa merçê e pelos ditos erros mereçer.

Por em mandamos aos juizes, veradores e omnes bonos da dita villa e seu termo que aquela pessoa que ho dito Françisco d'Escovar por sy poser, sendo avto e pertemçemente como dito hé, lhes leixem servir como ao dito Françisco d'Escovar por sua carta pertemcer, e em todo lhe cumpram e gardem este allvará como nele hé conthenudo porque asy nos praz.

E vós, ditos juizes, daríeis juramemto dos santos Evamjelhos a que la pessoa que asy poser, que bem e verdadeiramente os sirva, gardando a nós noso serviço e às partes seu direito...

Feito em Almeirim a XVI dias de janeiro de I VC XV.

91

1515, mayo³⁵, 29, Lisboa.

Minuta de una misiva de la reina María de Portugal al cardenal, arzobispo de Toledo e inquisidor general Francisco Jiménez de Cisneros rogándole interceder ante el Santo Oficio en favor de Luis García, primo del médico de Manuel I.

α. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 55, núm. 200.

Reverendíssimo ym Christo padre, que como irmaano muito preçamos:

Nós dona Maria, per graça de Deus rrainha de Purtugall e dos Allgarves, daquém e dalleem mar em Áfryca, senhora de Guineee (*sic*) e da conquista, navegaçam, comércio de Etheópia, Arábia, Pérsia e da Índia, ifante de Castella, de Liam, d’Aragam (*sic*), de Çizilia e de Grada (*sic*: Granada) e de Nápoles, vos enviamos muito sauudar.

Nós vos teemos escrito rrogando-vos que hum feito de Luís Garçia sobre caso da Inquisisam quiséseiis (*sic*) per ante vos despachar e mamdar olhar por sua justiça, por ser primo de mestre Anrique, fisisquo del rrey meu senhor, e que comtynuadamente nos sirve.

Agora nos fez saber que o feito hé concluso pera se despachar.

Muyto vos rrogamos que por nosa comtemplaçam vos praza de o fazer asi como vollo teemos escripto, e mamdar olhar por sua justiça para inteiramente lhe ser gardada. E em muito prazer o rreçeberemos de vos, reverendíssimo im Christo padre, que como irmaano muito preçamos.

Noso Senhor Deus vos aja seenpre em sua santa garda.

Scripta em Lixboa a XXIX dias de maio de 1515.

[Roto] para o cardeal de Castela, sôbre es (?) primo de mestre Anrique.

92

1516, julio, 14, Lisboa.

Copia de una carta de merced de la reina de Portugal María nombrando notario judicial de Torres Vedras a Jorge Boto.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 12-12v.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), p. 19.

(Folio 12) Livro do anho de VC XVI.

Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

Fazemos saber que, querendo nós fazer graça e merçê a Jorje Boto, escudeiro, morador em a nosa vila de Tores (*sic*: Torres) Vedras, que nos saberá beem servir e como cumpre a noso serviço e beem das partes, teemos por beem e o

³⁵ El catálogo del archivo pone *março* como la anotación archivística del dorso, pero la fecha del texto reza claramente *maio*.

damos ora daquy em diante por taballiam do judiciall em a dita villa de Tores (*sic*: Torres) Vedras e seu termo, asy e pella guisa e maneira que o elle deve servir e o era Dieguo d'Agilleyra, noso rreposteiro de camas, que o dito ofiço de nós tinha e ora os (*sic*: o) rrenunçiou em nosas maanos per virtude de hum allvará de lyçença que (*falta*: de) nos ouve para poder vender o dito ofyço, segundo mais compridamente se contynha no estormento da dita rrenunçiançam (*sic*), que pareçya ser feito e asynado per Dieguo Lleytam, taballiam / (*folio 12 vuelto*) público, em a nosa çidade de Lixboa aos XI dias do mes de jullio do anho presente de I VC XVI.

Por em, et cetera.

Em forma.

Dada em a nosa cidade de Lixboa a XIII^o dias do mes de julho anho de Noso Senhor Jhesuchristo de I VC XVI.

Ha XIII dyas do mes e ano sobredito, fez (*falta*: a) rrainha nosa senhora mercê do hofycyo hatrás escripto, a my, Jorge Boto, e asyney haquy de meu público synall que tall hé (*signo*).

93

1516, julio, 26, Lisboa.

Segundo testamento de la reina María de Portugal.

A. Archivo Nacional Torre do Tombo, Gavetas, gaveta 16, maço 2, núm. 1.

B. Con la misma signatura hay una copia simple que presenta numerosos errores de transcripción y lagunas.

Otra transcripción en José Manuel CORDEIRO DE SOUSA, "Apuntes sobre la vida y muerte de la reina doña María, hija de los Reyes Católicos", *Revista de Archivos, bibliotecas y museos*, 57 (1951), pp. 686-695.

(*Folio 1*) En el nonbre de Dyos todopoderoso, Padre, Fyjo, Espýrytu Santo, de la byenaventurada Vyrgen gloryosa Santa Marýa, su vendytta Madre, amén.

Consyderando que no ay cosa nynguna más cyerta al onbre o a la muger quel moryr, nin más yncyerta que la ora en que ella ha de venyr, porque la condyción flaca de la natura humana puesta en este valle de myserya está sujeta a tales y a tantos pelygros y defettos que (*tachado*: que), quiera o no quiera, con breve, que la ányma se aparte de la carne; por lo qual, loable y cosa segura es a toda persona, aun estando sana y en perfecyón del seso que Dyos le dyo, ver dylygemente lo que cunple al byen y salud de su ányma y descargo de su concyencya y buena hordenacyón de los byenes tenporales que Dyos le dyo, por que quando venyere aquel dýa tenebroso pueda ser colocada en la Corte cel[es]tyal. Y por esto, en tanto que Nuestro Señor le conçe de vy[da], conbyene que ponga dylygençya, pues que los dýas de toda cryatura nacyda son breves sobre la (*tachado*: trr) tyerra, y el número dellos Nuestro Señor lo ya (*falta*: á) reservado em sí por una çyega escurydad. Y como quiera quel ha(*tachado*: z)cer de lo susodycho sea común a todo fyel chrystiano, dos reyes e príncypes, que son constytuydos por Nuestro Señor Dyos en la tyerra, asý como son sublymados em mayor / (*folio 1 vuelto*) gloria y honores y señorýos, son más oblygados a le servyr y hazer abttos de virtud y buenas obras.

Por ende, magnyfyesto sea a todos quantos este testamento vyeren, cómo nos doña Marýa, por la gracia de Dyos reyna de Portugal, ynfante de Castylla, aunque pensando en la justycya dyvynal sentymos muy grande pavor y temor porque nos conocemos aver seydo y ser muy pecadora, y al nuestro cryador y redentor porque por nos tan cruel muerte y pasyón recybyó, desagradecyda del qual no solamente recebymos este benefycyo y otros tantos que son ynestymables, más otros muchos syngulares y especyales, desdel dýa que nos acordamos fasta oy, asý en ser lybrada de muchos pelygros y trampas que de cada dýa por muchas e dyversas maneras en este pelygroso mundo acaecen, como en ser endrecada (*sic*) y conservada en todos nuestros fechos, lo qual nos muestra ser dyg(*interlinado*: n)a de muy mayores penas, [p]ues al hazedor de tantos y tan grandes byenes no hemos sydo conoscyda nyn avemos satysfecho nin respondydo como pudyéramos con obras por tales y tantos byenes como dél avemos recebydo y recebymos contynuamente. Mas consyderando su ynfynyta bondad, miserycordya, pyadad, tenemos fyrme esperanca (*sic*) de yr en vya de salvacyón, non confyando en nuestros byenes y merecymientos mas en su sola clemencya, muerte y pasyón que por nos quiso recebyr y / (*folio 2*³⁶) cryendo (*sic*: creyendo) verdaderamente que una sola gota de su precyosa sangre es vastante a salvar y redemyr non solamente meus pecados grandes e malos, mays los pecados de myll mundos sy tantos fuesen cryados.

Y por ende, con tuda fyúza y fyrme esperança, en el princypyo deste meu testamento, con la mayor humylldad y purydad que poso, confeso e tengo e predyco la santa fe católyca que tyene y confyesa y predyca la Santa Madre Ygrexa de Roma, e creo al sýnbolo fecho por los apóstoles y la esposycyón de nuestra santa fe católyca como fue espuesta e declarada en el concylyo nyceano, en la qual avemos vyvydo desde el labacyo bautysmal hasta oy, y en ella entendo e protesto de bevyr e moryr, y anatematyzo y abbomyno todo horror e toda superstycyón que contra ella sea (*sic*) aya levantado o levantare.

E porque tudos por el Ebangelyo generalmente se manda velar por que quando venyere el Señor a judgar non nos halle desapercybydos, mays muyto aparejados; por ende, con la mayor debocyón que poso, encomyendo mynha ányma a Dyos todopoderoso que la cryó y redemyó, suplycando a sua muyto pyadosa majestad que syenpre, y en especyál a la ora de mynha muerte, ponga su precyosa muerte e pasyón entre su juyzyo (*falta*: y) mynha ányma, e non (*tachado*: pre) / (*folio 2 vuelto*) permyta que por nuestros pecados sea condenada, antes la quiera llevar a su gloria perdurable. E rogo muy humyllmente a la Vyrgen gloryosa syn manzylla Nuestra Señora Madre de Dyos, reyna de pyadad y abogada de los pecadores, a quien eu tengo por patrona endereçadora en todas mynhas cosas e fechos, a qual nunca negó su ayuda e yntercisyón a quien debotamente la demandase, que quiera suplycar a su precyoso hyjo que me guarde de todo pelygro e de todo pecado, e me gýe (*sic*: guýe) e me consuele (*falta*: e) me dé vendycyón por que byva en carydad e acabe en verdadera penytencya, e me quiera dar por su ynfynyta miserycordya buen alunbramyento de lo que tengo en el vyentre, e aquello que máys fuere su santo nonbre servydo e alabado.

³⁶ A partir de éste todos los folios, tanto en el recto como en el vuelto, van encabezados por una cruz en el centro del margen superior.

Y otrosý, acatadas (*falta: e*) consyderadas todas las (*falta: cosas*) susodychas, estando sana de meo cuerpo y entendymyento natural, tal qual Dyos plugo de me dar, con lycencya y abtorydad del (*interlineado: rey*) my señor, de mynha propya y agradable voluntad, syn premia alguna, en nobre (*sic*) de toda la Corte celestyal, fago e hordeno meu testamento e postrymera voluntad en la forma sygyuente:

Prymeramente mando (*falta: e*) encomyendo mynha (*tachado*) ányma a Dyos Padre que la cryó y a Jhesuchrysto, Hyjo de Dyos, que la redemyó por su precyosa sangre, y a Dyos Espýrytu Santo que la alunbró. E ruego a la Vyrgen gloryosa syn manzylla Nuestra Señora, Madre de Dyos, y al grande príncype San My- / (*folio 3*) guel, que es defendedor y protetor de la Yglesya, y al ángel que Dyos por su myserycordya me dyo por guarda, que la quiera gyar (*sic: guyar*) y presentar ante la dyvynal majestad. E rogo a Nuestro Señor Dyos que quiera aver myserycordya della.

Otrosý, quando pluguyere a Nuestro Señor que pague la deuda de la humanydad, e mynha ányma salga de mynha carne, mando que my cuerpo sea sepultado adonde quiera que se obyere de enterar (*sic: enterrar*) el rey my señor, e que se faga el dycho my enteramyento (*sic*) syn nyngunna ponpa ny estruendo ny cyrymonyas de trysteza, synon como máys fuere servycyo de Dyos e salvacyón de mynha alma.

Yten mando que, allende de la solenydad del ofycyo dyvyno que se acostubra (*sic*) fazer por las personas de mynha calydad, que se dygan por mynha alma, en todo el novenaryo, cada dya cyen mysas, y la[s] pagen (*sic*) como se acostubran (*sic*) pagar. Y a las órdenes (*falta: e*) ygregas (*sic: ygresyas*) que meu corpo aconpanaren (*sic*) se den a cada unas (*sic*) seys myl maravedýs por esmola e remuneracyón de su trabajo.

Yten mando que en lo que toca a las ofrendas, se hagan como mejor parecyere a meos testamentaryos.

Yten mando que el dya de meu enterramyento vystan a cyn cuenta pobres dándoles sendos vestydos enteros.

Yten mando que en el prymero año se dyga en la capella de meu enterramyento cada dya una mysa cantada con su responso, e se den por cada mysa e responso aquello que parecyere (*sic*) que es byen dales (*sic: darles*). /

(*Folio 3 vuelto*) Yten mando que se faga el cabo de ano con la solenydad del ofycyo como el dya de meu enterramyento.

Yten mando, por que Nuestro Señor aya myserycordya e pydad de mynha ányma, mando que se dygan cynco myll mysas en monesteryos observantes, de qualquier orden que sejan: las tres myll por mynha alma e las myll por las ánymas del purgatoryo e las myll por los defuntos e por otras qualquier (*sic: qualesquier*) personas que eu tenga algún cargo o oblygacyón. Que se den por elas como se suelen dar.

Yten mando que se dygan por mynha alma dos trentanaryos revelados e cerados, e que se dygan en las Berorengas e se den por anbos quatro myll maravedýs.

Yten mando a mys ofycyales y cryado, que de suso serán nonbrados, por descargo de mynha concyencya e por les fazer merzed, en hemyenda e remuneracyón de los servycyos que me an fecho e de qualesquier otros cargos

que de ellos y de cada uno de ellos tenga hasta el día de oy, consyderando al servycyo de cada uno y la oblygacyón que tengo a cada uno, como avajo será decarado (*sic*: declarado).

Yten mando a mosén Juan Bravo, meu esmorel, cyen myll reays. E mando que nam se le tome cuenta de suo ofycyo máys de lo que él dyere, por quanto él nam tyna (*sic*: tyña) escryvano nyn facya as esmolos syno por meus mandas e conocymyento. Da par- / (*folio 4*) te desto era contenta, asý porque sey muyto certa cómo byen o tem feyto e fyelmente desde o día que nos enpecó (*sic*) a servyr asta oge, que máys que esto fyaría eu dél. E por yso mando que nam se faca (*sic*) máys de lo que tengo mandado, porque de contrario recebyría muyta pena de que le fycyesen a presyón, pues que tan byen tyene servydo e tanto a meu contentamento.

Yten mando a Tamay e a Rodrygo Alonso e Bernaldo Martýnez e Jorje Peres, meus capellanes, a cada uno deles destes quatro, çyncuenta (*interlineado*: myll) maravedýs a cada uno.

Yten mando a'stros (*sic*: a outros) meu (*sic*: meus) capelanes, a cada uno cuarenta myll maravedýs.

Yten mando (*falta*: a) meus mocos (*sic*) de capela, aos que quixeran ser crérygos, a cada uno treyta (*sic*) myll reays, e a so (*sic*: os) que nam quyxeren, que se le den sus casamyentos a manera de Portugal e de mynha Casa.

Yten mando que a todos los otros meus ofycyales que nam tenga dado casamyento, que se le den. Y aos que tubyeren as moradýas como acá en Portugal, que se le den por sua moradýa ansý como acá se acostunbra y en mynha Casa se façe. Os otros que tubyeren as moradýas como en Castela, que nam tengo oblygacyón a dales casamyento cyerto syno o que quixere, mando que den a cada uno en casamyento treyta (*sic*) myll reay[s]. /

(*Folio 4 vuelto*) Yten mando a Francysco de Fermosyla (*sic*), meu escryvao de cámara, cyen myl reays.

Yten mando a Sequera, escryvao de cocya (*sic*: cocyna)³⁷ cyento y otenta myl reays.

Yten mando a Dyego de Agylera (*sic*) cyen myl reays. Y a Remón y a Álvaro, a cada uno çyncuenta (*falta*: myl).

Yten mando a Dyego d'Aryas çynqüenta myll reays, y a Ferrán d'Aryas, contador, cuarenta myll reays.

Yten mando a Lope de Robles, mantyero³⁸, ochenta myll.

Yten mando a Lorenzo Álvares, meu cryado, çyncuenta myll reays, y a Bartolomé d'Ávyla, guarda das damas, cyen myll reays.

Yten mando a Goncalo de Córdova (*tachado*: que), repostero que tem as andas, ochenta myll reays.

Yten mando que se dé a Osylo de Montalván, repostero, trynta myll reays que el avya de aver en casamyento e satysfacyón de seu servycyo.

³⁷ “Tiene cargo de ver todo lo que se guisa en la cocina para Su Alteza, y tiene libro donde asienta de todos los criados de la Casa y hace de nómina para pagarles” (Félix LABRADOR ARROYO, “La emperatriz Isabel de Portugal, mujer de Carlos V: Casa real y facciones cortesanas (1526-1539)”, *Portuguese Studies Review*, 13 (2005), p. 170).

³⁸ *Mantieiro*, ‘empregado que tinha a seu cargo a guarda dos manteis na Casa real’ (diccionario citado).

Yten mando (*falta:* a) Alonso de Muryel, (*tachado:* escryvano) meu despensero mor, ochenta myll reays.

Yten mando a my aposentador Rocas quarenta myll.

Yten mando a Peres, conpador (*sic*) de mynha despensa, quarenta myll, y a Juan de Salzedo, meu presentador de tablas, treyta (*sic*) myll.

Yten mando que tanbyén se dé casamyento aos meus cryados que vyneron conmygo de Castela, aynda que eles fuesen já casados, porque quiero que tos (*sic*) os que eu nam tenga dados casamyentos asta o dya de oge, se le den. /

(*Folio 5*) Yten mando a dona Elvyra de Mendoca (*sic*), mynha camarera moor, en remuneracyón de los muytos servy[cy]os que me á echo, que le den en sua vyda docyentos myll reays en cada un ano, asý como yo se los dava asta oy, e máys quynentos myll reays en dynero. E mando que, dos perfumes y sedas y oro y todo que aya tenydo e tenga, nam se le demande cuenta más de lo que ella dyere, porque ella nam la podrá dar porque eu se lo entregava syn cuenta. E mando que le den tudo o adereco (*sic*) de meu oratoryo, ansý de ymágyes como de plata y ornamentos, salvando as relycas que sygue.

Yten mando que se cunpla una carta que tengo dada a don Juan d'Alarcón, ansý ny más ny menos que en ela es contenyda, con las fuerca[s] (*sic*) y] rygor que en ella es contenyda, y a quytar [*roto*] otra ves a oblygar mynha terciya a que se cunpla esta carta, porque ansý o merence (*sic:* merecen) os muytos servycyos de dona Elvyra que me tem feytos con muyto travalo d'alma e do corpo.

Yten mando (*falta:* a) Aldonca (*sic*) Juares, mynha camarera, que le den en cada un ano en sua vyda a moradya que le doy, e máys a merced que le facya cada ano, que son XXV myll, e máys e (*sic:* en) dynero trecyen(*tachado:* ta)tos myll reays.

Yten mando que a Juares, mynha camarera, cuando se le tomare cuenta de mynha cámara, sy no le acharem tam boa conta e racón (*sic*) de las pelras que tem como en el lybro están, que lo pasen en cuenta porque eu las tengo mudadas (*tachado*) / (*folio 5 vuelto*) [y] feytas tantas cosas de ellas que me parece que nam le pu[e]den lebar como estavan cuando se las entregaron. [Y] tanbyén, sy faltaren asta cincuenta de todas las pelras que eu tengo, que se las leven em conta porque nam será muyto avelas eu perdydo por las muytas mudancas (*sic*) que dellas tengo feytas. Y tanbyén el algófar (*sic:* aljófar) que tem, lo que se achare menos, que le leven em conta por la mysama racón (*sic*) que de las pelras dyxe, porque eu sey que ela es tan fyel que non dyrá syno a verdad. E mando que en las otras cosas que an de tomar cuenta, que en las que eu aquí nonbrare nam le tomen máys conta de la que ela dyere, porque por ser cosas menudas, unas veces mándalas dar deprysa, nam se podyan acer mandado e desgarras (?) de los lybos (?), que son toda ropa veja (*sic*), lyencos (*sic*) que caýen, fytas³⁹, alfynetes⁴⁰, seda rasa, tocas arodladas, torces⁴¹, beatylas⁴², bolsas, chapynes, seda de labor y oro fylado; porque aunque a ela lo cargaran, nam entrara en su poder, que eu o

³⁹ *Fita*, 'tecido, mais ou menos estreito comprido, que serve para ligar, ornar, et cetera' (diccionario citado).

⁴⁰ *Alfinete*, 'alfiler'.

⁴¹ *Torçal*, 'cordão feito de fios de retrós' (diccionario citado).

⁴² *Beatilha*, 'touca branca de freiras. Pano de linho ou algodão de que se faziam essas toucas' (diccionario citado).

metya en mynha arca de lavor e teladas, e ansy otras cosas desta calydad sy se acharen, pues es enposybel dar cuenta de ellas. E suplyco al rey meu señor que nam demande tomar cuenta de las pelras que (*interlineado*: me) enpertó en Syntra, por la manera que se le entregaron, porque byen se deve lenbar (*sic*: lenbrar) a Su Alteza que por ante él las desenfyé⁴³ todas e las torné anfyar todas juntas, de manera que ela nam pode dar conta por alý / (*folio 6*) por conto. Y sy algunas das pequenas que están en la gorgera (*sic*) que es tuda de pelras, falecyeren algunas, que me parece que falecerán porque después de feyta nuca (*sic*: nunca) se pudyeron contar para ver se traýa tantas como levara a que la fez Su Alteza, se las mande levar en conta as que faltaren por me facer a my merced, que byen cyerto es que nam fue por sua culpa.

Yten mando que a Juana do Taco, que le fyque en sua vyda a moradya que eu le dey por los muytos servycyos e muyto lealmente, e máys en dynero cyento e cyncuenta myll reays.

Yten mando a Francysca de Tores (*sic*) cyen myll reays. Máys suplyco al rey meu señor que le dé en sua vyda esta merced que agora cad'ano le faz, pues tan byen nos tyene servydo e con tanto trabajo, con los ynfantes nosos fyllos como eu byen sey.

Yten mando (*falta*: a) ama do ynfante don Luys cyento e cyncuenta myll reays, e a dúas fyllas que tem, além do casamyento que el rey meu señor les á de dar, a cada una cyen myll (*falta*: reays).

Yten mando a Mayor de Narvas, guarda das damas, cyen myll reays.

Yten mando a Ysabel de Caragoca (*sic*) cyncuenta (*falta*: myll), y a sua fyla (*sic*: fylla) para seu casamyeto (*sic*) cyncuenta myll reays.

Yten mando a Juana Garcya cyncuenta myll reays. /

(*Folio 6 vuelto*) Yten mando a Marya de Montero cyncuenta myll, e a su fylla para su casamyento sesenta myll reays além do casamyento que el rey meu señor le á de dar.

Yten mando a Juana, mynha lavandera, cuarenta myll reays; y a lavandera de manterya tryenta (*sic*) myll, que se jama (*sic*: chama) Marya Jemenes.

Yten mando a Mencya de Peralta (*tachado*) cyen myll reays; y a Juana d'Escobar sesenta myll, alén do casamyento que les á de dar el rey meu señor.

Yten mando a Mencya de Salcedo cyncuenta myll reays en casamyento.

Nam mando nada a mynhas damas porque el rey meu señor es oblygado a dales sus casamyentos, syno suplycale que llo (*sic*) aga byen con ellas, ansy como syenpre o faz.

Yten mando que a tudas mynhas escavas (*sic*: esclavas) aorem (*sic*: aorem) e dem a cada una ventemyll reays en casamento, casando o syedo (*sic*: syendo) feyras (*sic*: freyras); e de otra manera nam. E que fyquen con las yfantes asta que casen porque mylor servyrán a elas que otre, fycando tantas con la una como con la otra, escolendo a ynfante dona Ysabel.

Yten mando a los monesteryos que de suso serán nonbrados, para sus necesydades e por que tengan espycial (*sic*) cuydado e cargo de rogar a Noso Señor por la salvacyón de mynha alma: /

⁴³ *Desenfiar*, 'tirar do fio. Desmanchar aquello que estava enfiado: desenfiar um collar de pérolas' (diccionario citado).

(*Folio 7*) Prymeramente mando al monesteryo donde fuere my enteramyento (*sic*) docyentas myll.

Yten mando a Ila ygleyga (*sic*) de Nosa Señora de la Concecyón de Lysboa cyncuenta myll.

Yten mando a Enxobergas cyncuenta myll; a San Bent'otros cyncuenta myll.

Yten mando al monesteryo de Benyfyca e a Pera Longa, a cada uno cyncuenta myll.

Yten mando al monesteryo de San Francysco de Sevylla cyncuenta myll.

Yten mando a Catalyna de la Puente sesenta myll por los servycyos que me yzo, porque cuando se fue de nos nam le dy nada. Mando que se den al monesteryo donde ella está, que es Sant[a] Ynés de Córdoba. Nam se le an de dar máy[s] que veynte porque los otros etán (*sic*) já dados.

Yten mando a Santa Cara (*sic*) de Lysboa cyen myll.

Yten mando que se combrem (*sic*) cyncuenta myll reays de renta ao monesteryo de las Beralengas, y esto se cunpa (*sic*) prymero que nynguna manda. E después, avyendo en mynha tercya para se cunplyr tudas, se cunpan (*sic*), sy no seja esta, ya (*sic*: y) as otras nam, non entrando, o que mando a meus ofycyales porque aquello á de ser o prymero.

Yten mando se faca (*sic*) una crus de pata (*sic*: plata) que pese nove marcos, muyto byen feyta, pa (*sic*) que se (*falta*: dé) / (*folio 7 vuelto*) a Sant Antonyo de Serpa, que le tengo prometyda. E sy alguna de las de mynha capella esto pesase, que se la den, nam faça otra; e sy nam fueren deste peso, fázase.

Yten mando que se faça una coroa de oro para (*tachado*: Nosa) la ymagen de Nosa Señora da Pena, e que le pongan en ela algófar do que está en mynha cámara, que seja boa. E otra desta manera para o menyño Jesús, que le tengo prometydo.

Yten mando que o meu ornamento de mynha capela, de carmesý, que se dé a San Domyngo de Santarén, que le tengo prometydo muyto á, e que le pongan as armas de Lope de Baldyveso en cada peça, que Remom as tyene. Á de ser ornamento: casula e capa e almátycas e frontal.

Yten mando para redecyón de catyvros que están en tyera (*sic*) de moros, un cuento, e que sejan os máys desenparados (*sic*).

Yten mando para casar huérfanas e donzellas pobres un cuento, y en ésas entren das prymeras as fyllas de meus cryados, dando a cada una como parecyere que es bem a meus testamentaryos, e sejan quyen forem.

Yten mando para sacar pobres que están encarcelados por dývyedas, un cuento; los que tubyeren más necesydad.

Yten mando para pobres enbergoçantes que tengan muyta necesydad, medyo cuento.

Yten suplyco al rey meu señor que a nosas fyllas / (*folio 8*) en nyguuna (*sic*) manera nam las case syno con reys o fyllos de reys legýtymos. E cando esto nam posa ser, que as meta freylas aynda que ellas nam quyeran, porque myllor servyrán a Deus que nam casadas en o reyno. E lémbrese Su Alteza cuántas fortunas tyene pasadas sua irmana por casar en o reyno. Y a ellas rogo e peco que nam casen syno como aquí dygo, aynda que Su Alteza se lo mande, so pena de mynha bencón (*sic*: bençón).

Yten suplyco a Su Alteza que a dona Elvyra Vyvares, Juana do Taco e Francysca de Tores (*sic*), e ama do ynfante don Luys, e May(*interlineado*: o)r de Rornáys, les dé ofycyos onrados, a cada una como mereçe, en Casa de nosas fyllas, que con máys amor a'servyrán ellas, que las an cryado, que otras de (*tachado*) de (*sic*) nuebo, sy quyxeren quedar aquí e yr con ellas cuando casaren sy Dyos quysyere; y sy no quyxere (*sic*: quyxeren) quedar, que Su Alteza se lo ruege (*sic*) muyto; e nam queryendo, nam las faça fuerca (*sic*) syno por ruego e por byen. Y esto dygo por descanso de nosas fyllas, porque sé cuánta deferencya ha en no (*sic*) servycyo, en o amor, as que se crýan con ellas, dende penas as otras.

Yten mando e horno (*sic*: hordeno) que se después de conplydo my enteramyento (*sic*), cunplan e paguen prymero e ante todas las cosas las satysfacyones que a- / (*folio 8 vuelto*) vemos mandado a meu (*sic*: meus) cryados de lo máys cyerto e parado de meus byenes, e que aun a los dychos meu (*sic*: meus) ofycyales paguen prymero aos estranjeros naturáys de los reynos de Castela que ubyeren de yr para allá, que nam a llos (*sic*) que obyeren de quedar acá, porque, pues meus byenes están aquí, con menos trabajo (*falta*: e) dano podrán esperar por la paga los que fueren naturáys de este reyno que nam los que obyeren de yr para fuera; e o alvará que tengo dado a don Juan de Alarcón como tengo mandado. E conplydos e pagados una vez los dychos meus cryados e descargos según dycho es, mando que se cunplan e pagen (*sic*) las mandas e cosas pýas máys oblygatoryas deste meu testamento según el derecho o manda, para descarga de mynha alma e de mynha concyencya e salvacyón. E podyéndose cunplyr, cúnplase (*sic*: cúnplanse) todas.

Yten suplyco e pydo al rey meu señor que quando obyeren de yr los dychos ofycyales e cryados para los reynos dychos de Castilla, les mande Su Alteza dar lycencya para que se puedan yr e llevar lybrenmente asý los dyneros de las satysfacyones que les mando dar como otras cualesquier cosas suyas que tubyeren, syn que paguen derechos algunos. Es- / (*folio 9*) pecyal le suplyco que enbye curadamente a doña Elvyra avyéndose de yr, e nam avyéndose de yr, syenpre tenga cargo de ella porque eu tengo mucho cargo de ella.

Yten suplyco e pydo al rey meu señor que el amor que me tubo en la vyda me muestre en la muerte en mandar conplyr este meu testamento e tudo lo que es contenydo en él, o máys presto que ser pudyere, syn dylacyón alguna, por descargo de mynha concyencya, por que, non se cunplyendo, non aya de penar mynha ányma, e por que Dyos le depare quien a (*sic*) haga otro tanto por Su Alteza quando lo aya menester.

Yten, para exeucyón (*sic*) e conplymyento deste meu testamyento e mandas e tudo lo en él contenyto (*sic*), establezco e nonbro e dexo por meus testamentaryos esecutores al rey meu señor, al qual suplyco e pydo por merced que quyera acetar este cargo, e asý mysmo, juntamente con Su Alteza, al prior de las Beralengas fray Gravyel, meu confesor. E doles e otórgoles tudo meu poder conplydo, con lybre general admynystracyón, anbos en uno yn solydum, para que puedan / (*folio 9 vuelto*) dar e fazer e conplyr este meu testamento e tudo lo que en él es contenydo. Otrosý les doy meu poder bastante para que puedan descargar myha (*sic*) concyencya en todas otras qualesquier cosas que ellos vyeren e les parecyere que deven ser descargadas e pagadas para descargo de mynha

concyencya e salvacyón de mynha alma, asý meu (*sic*: meus) (*tachado*) cryados de que por ventura nam tengo memoria, como a otros (*sic*) qualesquier personas syngulares que mostraren que les soy en cargo e que según Dyos e concyencya ge lo devo pagar e restytuyr. E tomo tuda mynha tercyá, moble e de raýs, por cualquier parte que se allare, que de derecho mynha fuere. Sea tudo muyto byen pagado. Sobre lo qual les encargo sus concyencyas e les apodero (*falta*: e) entrego la dycha mynha tercyá, de lo qual tudo les deu, agora luego, les doy (*falta*: e) entrego la posycyón y vos constytuyo por sus poseesores, con facultad que por su propya abtorydad, syn mandado de jues ny de otra persona alguna, los puedan tomar e vender e rematar en almoneda públyca o fuera della, guardando la forma del derecho o non guardada; del valor dellos sastysfagan e cunplan e paguen / (*folio 10*) lo que en este meu testamento se contyene e llos (*sic*) otros meus cargos e debdas. E les dure para ello el térmyno de la ley e tudo el otro tyenpo que máys obyeren menester fasta ser conplýo (*sic*) tudo lo que dycho es e cada una cosa e parte de ello.

(*Tachado*: Yten) E acabo (*sic*: acabado) de cunplyr todo ysto que aquí mando, (*falta*: sy) fycare de la dycha myna (*sic*) tercyá para que se pueda fazer, mando que de mynhas juyas (*sic*) se facan (*sic*) tres partes, e las dúas se den a las ynfantes mynhas fyllas, tanto de ellas a una como a otra, e destas dúas partes escolerá a ynfante dona Ysabel las que mylor (*sic*: mylhor) le parecerán; e la otra parte fycará ao prýncype, y él escolerá de tudas tres partes as que melor (*sic*: melhor) le parecerán. E darse an ás ynfantes casando, e syendo freylas non; sy no, fycarán ao prýncype meu fyllo.

Conbydo e pagado este meu testamento e tudas las mandas e cargos en él contenydos e tudas las otras cosas e cargos que a bysta e dyspusycón (*sic*) de los dychos meus testamentaryos parescyere que obyeren de ser descargadas e conplydas de la dycha mynha / (*folio 10 vuelto*) tercyá, e della descargaren e conplyeren e mandaren sastysfazer e conplyr, de tudo lo remanecyente de la dycha mynha tercyá e de tudo lo ál, hazemos e constytuyo por meu ereadero ao prýncype meu fylo (*sic*), pero solamente de lo que fycare de ella, porque ante todas cosas mynha pryncypal entencyón e voluntad es, e ansý lo mando, que se sastysfagan e paguen tudo lo sobredycho en este meu testamento contenydo porque aquello tengo por pryncypal cosa como é dycho. E sy algo sobrare de ella (*sic*) dycha mynha tercyá, conplydo todo lo sobredycho e cada cosa dello, lo que quedare lo aya el dycho meu ereadero, el qual non enpyda ny pueda enpydyr ny se entremeta ny pueda entremeter e perturbar en algún tyenpo nyn por nynguna manera la esecucyón e conplymyento deste meu testamento ny parte dél hasta ser conplyda mynha alma e sastysfechos e pagaos (*sic*) meus cargos e debdas. /

(*Folio 11*) E revoco e anulo e doy por nynguno e de nyngún valor y efetto todos e qualesquier testamento(*tachado*: s) o testamentos (*tachado*: o), codycylo o codycylos que hasta el dýa de oy eu tenga fecho (*falta*: e) otorgado, asý por palabra como por obra, los quales mando que non valgan nen fagan fe, en juycyo ny fora dél, salvo este meu testamento que agora otorgo e tudo lo en él contenydo, al qual mando que valga como meu testamento; a (*sic*: e) sy no vallyere como meu testamento, mando que valga por meu codycylo, e sy no vallyere (*falta*: por) meu codycylo, mando que valga por mynha postrymera voluntad, y en aquella mejor manera e forma que puede e deve valer de derecho.

E mando que nynguno glose ny pueda glosar nyn anadyr ny emendar otra cosa alguna.

E por que esto sea cyerto e fyrme e non vengan en dubda, otorgo este meu testamento e postrymera voluntad, estando presente el pryor / (*folio 11 vuelto*) de las Berolengas, escryto de mynha mao e fymado de meu nonbre e selado con meu sello.

Fecho en Lysboa a XXVI de julio, ano del nacymyento (*falta: de*) noso redentor Jhesuchrysto de myll e quinyentos e dezyséys.

La rreyna (*rúbrica*).

(*Marca de haber tenido un pequeño sello de placa*).

94

1517, octubre, 20.

Copia de un mandato de la reina, quizá María de Portugal (Almeirim a 11 de abril de 1516), para apuntar en la cuenta del tesorero de la Casa de la Mina Sebastián de Vargas ciertas mercancías de Flandes.

B. Archivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II, maço 55, núm. 200.

(*Cruz*).

“Nós a rrainha mandamos a vós, comtadores del rrey meu senhor, que recebaes e leves em comta a Bastiam de Vargas, thesoureiro da Casa da Mina, doze peças de cambraes; e oyto peças d’olamdilhas; e quoremta e nove linhas (*falta: e*) meia de linhas bramcas; e vinte mill agulhas de coser e lavrar; e vinte e quatro mill alfenetes; e dous tafetás com o çemquei (?) d’ouros listrados, hum ouro e bramco e outro d’ouro e gram; e quoremta barretes de côres; e hum cofre de meia cárrega em que todas as ditas cousas veeram asy de Framdes.

Por noso mamdado selle o entregou aqui e (*sic: em*) Almeyrim a quem nos mandamos que o tevese para noso servicio (*sic: serviço*).

As quaes cousas todas lhe seram pasadas em conta somente por este noso mandado sem outro mandado [ne]m conhecimemto.

Feito em Almeyrim a XI dias d’abrill de VC XVI”.

O qual alvará eu traladey do propio que fica na linha da comta de Bastiam de Vargas, thesoureiro que foy da Casa da Mina, de verbo a verbo.

E por verdade asynamos aqui, oje XX dias d’outubro de VC XVII.

António Vasquez (*rúbrica*).

Luremco (*sic: Luremço*) Amaya (*rúbrica*).

95

S. f⁴⁴.

⁴⁴ Rogério de Figueiroa Rêgo la fecha en Lisboa el 24 de mayo de 1515, que sólo corresponde a la carta de renuncia de Francisco de Hermosilla. La provisión hubo de redactarse lógicamente después, y antes del 14 de julio de 1516, data del siguiente diploma copiado en el *Lyvro de rregistos da chancelaria da rrainha dona Maria, nosa senhora* que, como hemos visto, acostumbra a guardar el orden cronológico.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Torres Vedras que respete el nombramiento de Men Fernández como escribano de orfanatos de la villa.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 9-9v.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), p. 19.

(Folio 9) Carta do ofício de scrivam dos orfaãos.

Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

Fazemos saber a vós, juizes, veradores, procurador e omnes bonos e povoo da nosa vila de Tores (*sic*: Torres) Vedras, que, confiando nós da bomdade, fielidade e descriçam de Mem Fernandez, scudeiro, morador em a dita vila, que nos saberá bem servir como cumpre a noso serviço e bem das partes, querendo lhe fazer graça e merçê, temos por bem e o damos ora daqui em diante por scrivam dos orfaãos da dita vila de Tores (*sic*: Torres) Vedras e seu termo asy e pela gisa, modo e maneira que o deve ser e era Françisco de Ferosilha, noso scrivam da nosa câmera⁴⁵ e thesoureiro, que o dito ofício de nós tinha e ora o rrenunçiou em nosas manos, segundo delo fomos certo per hum estromento público de rrenunçiaçam que parecia ser feito e asynado per Brás Afonso, tabeliam del rrei meu senhor, / (*folio 9 vuelto*) em a nosa cidade de Lixboa aos XXIII^o dias de maio do anho presente de I VC XV, segundo mais compridamente em o dito estromento de rrenunçiaçam era conthenudo.

Por em, et cetera.

Em forma.

96

S. f⁴⁶.

Copia de una provisión de la reina de Portugal María ordenando al concejo de Viseo que respete el nombramiento de Cristóbal Moreno como notario de la ciudad.

B. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel (Núcleo antigo, liv. 864), ff. 14-14v.

Otra transcripción en Rogério de Figueiroa RÊGO, “Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el-rei dom Manuel”, Miscelânea, 1 (1932), p. 20.

(Folio 14) Livro do anho de I VC XVII.

Dona Maria, et cetera, a quantos esta nosa carta virem.

⁴⁵ Rogério de Figueiroa Régo transcribe *chancelaria*.

⁴⁶ Ha de ser posterior al 14 de julio de 1516, fecha del anterior diploma transcrito en el *Lyvro de rregistos da chancelaria da rrainha dona Maria, nosa senhora*, y anterior, claro, al fallecimiento de la reina el 7 de marzo de 1517.

Fazemos saber a vós, juízes, veradores, procurador e ommes bonos da nosa cidade de Viseu, que, confiando nós da bondade, fieldade e descriçam de Christóvam Moreno, escudeiro do bispo de Viseu, que nos saberá bem servir e como cumpre a noso serviço e bem das partes, temos por bem e o damos ora daqui em diante por tabaliam públrico em a dita cidade e seu termo asy e per aquela gisa, modo e maneira que ho era Pero Cardoso que ho dito ofiçio tinha e se finou, et cetera.

Em forma.

Por em... /

(*Folio 14 vuelto*) E eu Christóvam Moreno, tabaliam públrico na çidade de Viseu, fiz aqui meu públrico sinall que tall hé (*signo*).

* * *

Fuentes

Archivo General de Simancas, Consejo de Estado.

Archivo Provincial Histórico de la Comunidad de Padres Franciscanos de Zarauz, Convento de Zarauz, Obras curiosas.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa real, Casa da rainha dona Maria, Chancelaria da rainha e da infanta dona Isabel.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte I.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte II.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Gavetas.

Biblioteca Nacional de España.

Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro.

Bibliografía

ÁVILA SEOANE, Nicolás, “Documentos de las hijas de los Reyes Católicos: Isabel”, *De Medio Aevo*, 8-2 (2015), p. 163-194.

CORDEIRO DE SOUSA, José María, “Apuntes sobre la vida y muerte de la reina doña María, hija de los Reyes Católicos”, *Revista de Archivos, bibliotecas y museos*, 57 (1951), p. 686-695.

EZQUERRA ABADÍA, Ramón, “María, reina de Portugal”, en Germán BLEIBERG (dir.), *Diccionario de Historia de España*, vol. II, Barcelona, Alianza Editorial, 1986 (1952), p. 910.

FERNANDES, Maria de Lurdes, “Dona Maria, mulher de dom Manuel I: uma face esquecida da corte do Venturoso”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e literaturas*, 20-1 (2003), p. 105-116.

FIGUEIREDO, Cândido de, *Novo dicionário da lingua portuguesa*, Lisboa, Clássica editora, ed. de 1913.

FLORIANO CUMBREÑO, Antonio Cristino, *Curso general de Paleografía, y Paleografía y Diplomática españolas*, Oviedo, Universidad de Oviedo, 1946.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Ernesto, “Hombres y mujeres de negocios del País Vasco en la Baja Edad Media”, en BONACHÍA HERNANDO, Juan Antonio y CARVAJAL DE LA VEGA, David (eds.), *Los negocios del hombre. Comercio y*

- rentas en Castilla. Siglos XV y XVI*, Valladolid, Castilla Ediciones, 2012, p. 107-146.
- GUIMARÃES SÁ, Isabel dos, *Rainhas consortes de dom Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.
- LABRADOR ARROYO, Félix, “La emperatriz Isabel de Portugal, mujer de Carlos V: Casa real y facciones cortesanas (1526-1539)”, *Portuguese Studies Review*, 13 (2005), p. 135-171.
- MARÍN MARTÍNEZ, Tomás y RUIZ ASENCIO, José Manuel, *Paleografía y Diplomática*, vol. II, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1991 (5ª ed.), 2 vols.
- MARTÍN POSTIGO, María de la Soterraña, *La cancillería castellana de los Reyes Católicos*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1959.
- NOGALES RINCÓN, David, “La cultura del pacto en las relaciones diplomáticas luso-castellanas durante el período Trastámara (1369-1504)”, *En la España medieval*, 35 (2012), p. 121-144.
- NOGALES RINCÓN, David, “Los proyectos matrimoniales hispano-portugueses durante el reinado de los Reyes Católicos y los sueños de unión ibérica”, *De Medio Aevo*, 2-2 (2013), p. 43-68.
- PULGAR, Hernando del, *Crónica de los señores Reyes Católicos don Fernando y doña Isabel de Castilla y de Aragón*, edición de Cayetano ROSELL Y LÓPEZ (coord.), *Crónicas de los reyes de Castilla*, vol. III, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1953, p. 223-511.
- RÊGO, Rogério de Figueiroa, *Chancelaria da rainha dona Maria, 2ª mulher de el rei dom Manuel. Manuscrito inédito do século XVI*, Oeiras, Miscelânea, 1932.
- SANZ FUENTES, María Josefa, “Tipología documental de la Baja Edad Media castellana. Documentación real”, en *Archivística. Estudios básicos*, Sevilla, Diputación provincial de Sevilla, 1981, p. 237-256.
- SEGURA GRAÍÑO, Cristina, “María de Portugal”, en *Diccionario biográfico español*, vol. XXXII, Madrid, Real Academia de la Historia, 2012, p. 494-495.
- TAMAYO LÓPEZ-MACHUCA, Alberto, *Archivística, Diplomática y sigilografía*, Madrid, 1996.
- TORRE Y DEL CERRO, Antonio de la y SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis, *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*, Valladolid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958-1963, 3 vols.
- ZURITA Y CASTRO, Jerónimo, *Historia del rey don Fernando el Cathólico. De las empresas y ligas de Italia*, Zaragoza, Domingo de Portonariis y Ursino, 1580, 2 vols.